



PUC

MARIA REGINA MACIEL

PSICANÁLISE E A QUESTÃO/EPISTEMOLÓGICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 27 de abril de 1994

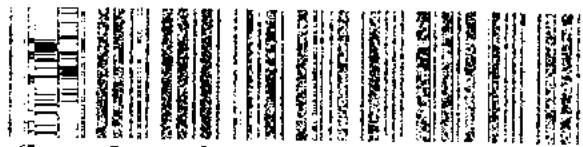
PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

UFPA - 150 / M152 / TESE UC

Ps - análise e a questão epistemológica /



0805940

1910

MARIA REGINA MACIEL

PSICANÁLISE E A QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Março 1994

MARIA REGINA MACIEL

PSICANÁLISE E A QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA

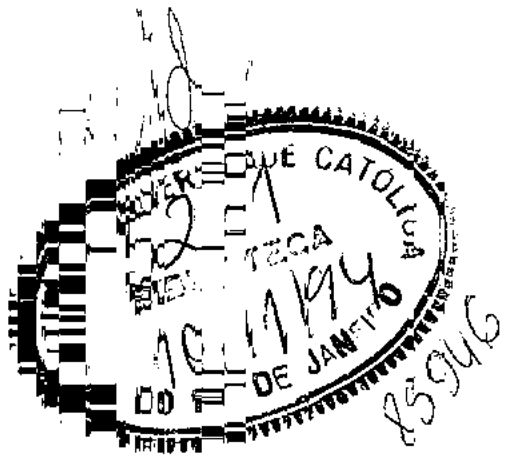
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Circe Vital Brazil

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Março 1994

UC 59452-9



150
M152
TEST UC

A Telmo e Stella, meus pais,
por terem despertado o desejo de saber.

AGRADECIMENTOS

A Nazareth, Fred e Pedro, por estarem sempre por perto.

Ao Lucas e Mateus, representantes do devir.

A Karla e Helena, que além da amizade preciosa emprestaram-me os computadores.

Ao Romildo do Rêgo Barros pelas coisas do reinado da lua!

Ao Paulo Vidal e Jô Gondar, pelas leituras e comentários sempre tão bem vindos.

A Circe Vital-Brazil, pela orientação carinhosa e incentivo.

Ao CNPq por ter-me propiciado a realização deste trabalho.

PSICANÁLISE E A QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA

RESUMO

No cotidiano das instituições de pesquisa reveste-se da maior importância, ainda hoje, a questão sobre o estatuto de ciência que um saber pode ou não apresentar. Esta dissertação tem como tema de estudo a psicanálise frente à ciência e visa a discutir a sua suposta subversão em relação ao campo científico.

Neste trabalho, a psicanálise será aproximada da ciência atual pois, como é notório, esta tem passado por transformações inovadoras, deixando obsoleta aquela tradicional definição que a separava radicalmente de questões características de outros campos. Atualmente, questões como acaso e tempo, típicas de outros campos, têm sido tomadas como problemáticas da ciência e não mais simplesmente rechaçadas. Isto sem mencionar a maneira de postular o científico como prática cultural que revelaria problemas éticos.

Contudo, isto não quer dizer que a psicanálise será reduzida ao campo científico. Apesar das aproximações que aqui serão explicitadas, continua-se afirmando que a psicanálise é um saber que possui particularidades. Ela depende de uma experiência clínica singular.

O discurso psicanalítico, diferentemente do discurso científico, refere-se ao sujeito do desconhecimento, irremediavelmente dividido. Seu objeto é entendido como aquele do qual se sofre e se é causado, enquanto o objeto do discurso científico é construído e passível de conhecimento.

RESUMÉ

Il y a une question posée en permanence dans le quotidien des institutions de recherche: celle du statut de science que l'on doit attribuer à tel ou tel savoir. Le thème de cette recherche est l'étude de la psychanalyse face à la science. Son objectif est de discuter sa supposée subversion par rapport au champ scientifique.

La psychanalyse sera rapprochée de la science actuelle qui de toute évidence, a connu de grandes transformations, lesquelles, de par leur aspect novateur, ont rendu obsolète la définition traditionnelle de la science, que la séparait des autres champs de la connaissance.

Des questions telles que le temps ou la hasard, contrairement à ce qui se passait habituellement, ne sont plus exclues des domaines de la science. En outre, le champ scientifique peut être, à présent, postulé comme une pratique culturelle, ce qui instaure tout un enjeu éthique.

Tout cela ne veut pas dire pour autant que nous réduirons la psychanalyse au champ scientifique. Malgré tous les rapprochements ici explicités nous affirmons toujours que la psychanalyse est un savoir qui a sa particularité. Elle dépend d'une expérience clinique singulière.

Le discours psychanalytique, différemment du discours scientifique, se réfère à un être de la méconnaissance, irrémédiablement divisé. Son objet est compris comme celui dont on souffre, objet cause, au détriment d'une compréhension où il est construit, où il est passible d'être connu.

Sumário:

Introdução	pág.1
Capítulo I (Sobre o ideal da ciência)	pág.5
Notas	pág.16
Capítulo II (Ideal da ciência em Freud)	
2.1 Introdução	pág.18
2.2 Freud e a ciência da sua época	pág.19
Notas	pág.24
2.3 Considerações epistemológicas de textos freudianos	pág.25
Notas	pág.35
2.4 Entropia e pulsão de morte	pág.36
Notas	pág.43
Capítulo III (A ciência e o sujeito da psicanálise)	
3.1 Introdução	pág.44
3.2 Lacan e a ciência moderna	pág.45
Notas	pág.53
3.3 O cógito cartesiano e o sujeito da psicanálise	pág.54
3.4 Estrutura e sujeito	pág.61
Capítulo IV (O objeto na ciência e na psicanálise)	
4.1 Introdução	pág.65
4.2 Das Ding no "Projeto..."	pág.67
Notas	pág.75
4.3 O "Projeto..." de Freud interpretado por Lacan	pág.76
Notas	pág.82
Conclusão	pág.83
Bibliografia	pág.86

PALAVRAS CHAVES

Epistemologia,

Psicanálise,

Sujeito do inconsciente,

Objeto causa do desejo,

Construção do objeto

INTRODUÇÃO

A noção de sujeito em psicanálise que hoje se tornou usual, bem como a questão da psicanálise frente ao objeto da ciência, não correspondem a uma teorização explícita de Freud. Trata-se de uma formulação propriamente de Lacan a partir de sua interpretação do texto freudiano. Dentro da abordagem lacaniana, o que é sublinhado por ele é o caráter de subversão da psicanálise em relação ao discurso da ciência. Mas o que se entende por ciência, ao enfatizar essa subversão?

Sabe-se que Freud sofreu influências de pensadores positivistas da ciência como Ernst Mach. É característica dessa posição a objetividade e a neutralidade. Já Lacan apoiou-se nos operadores estruturais e históricos de Koyré: sucessão e ruptura. Sucessão como operador histórico na medida em que há uma certa evolução do conhecimento, e ruptura como operador estrutural já que o conhecimento sofre "cortes", saltando para novas formas de pensamento. Há nos dois, portanto, uma preocupação em situar a psicanálise com relação à ciência, mas cada um com sua particularidade.

Por não haver no pensamento de Lacan o ideal de ciência ou cientificismo que em alguns momentos percebemos em Freud, o sujeito da psicanálise pôde ser explicitamente teorizado. Esta teorização se deve certamente à maneira como Lacan concebeu a ciência. Observa-se que foi nos moldes da ciência moderna, com Galileu e Descartes, cujos parâmetros já não se aplicam à ciência de hoje. Esta mudança de modelo da ciência

está sendo sustentada por pensadores da ciência contemporânea.

O ideal de ciência para Lacan é o de rechaçar o sujeito para fora de seu campo já que a ciência é um discurso sem sujeito, um discurso impessoal. Decorrente dessa postura é que se afirma que o lugar do sujeito na ciência é o lugar do excluído. A psicanálise, por sua vez, relaciona-se com o que está fora da ciência que é o sujeito do desejo.

Entretanto, pode-se utilizar a expressão "cientificismo" para indicar o ideal de ciência em Freud. Esta expressão foi utilizada pelo próprio Lacan (1966) em "Ciência e Verdade". Mas, não há no uso deste termo, nenhum desmerecimento a Freud, apenas uma colocação: a de que Freud dava um consentimento ao ideal da ciência. Lacan, por sua vez, dirá que o ideal de ciência é aquele que busca a união da verdade com o saber. Porém este ideal, a união entre verdade e saber, é um ponto exterior à psicanálise. Ela aponta para o impossível de se alcançar este ideal já que há sempre uma verdade que não se sabe toda.

Neste sentido, a psicanálise apresenta-se como um advento radicalmente inaugural no campo do saber. Dessa forma é um saber irreduzível aos outros saberes. Assim, a psicanálise aproximaria-se da ciência enquanto busca coerência, argumentação e transmissão no seu saber. Mas afasta-se desta por ser um saber que permanentemente aponta para a impossibilidade de abarcar toda a verdade.

Incide sobre a psicanálise influências de outras produções teóricas, tais como: filosofia, ciência e religião. O interesse de Freud pela ciência, por exemplo, foi muito

importante. Foi devido a este interesse que a psicanálise pôde ir dos sonhos à expressão lógica, estabelecendo sua própria lógica.

A atmosfera científica predominante na época de Freud criava um ambiente propício, sem a qual a psicanálise não teria podido aparecer pois, é o espírito científico o responsável pela eliminação da magia, do irracional em geral, e somente nessa situação histórica poderia nascer a psicanálise.

Segundo Lacan, o que Freud, apesar de seu ideal, vem trazer de novidade, é o sujeito da psicanálise, enquanto aquele estruturalmente cindido e suturado pela ciência. Desta forma, era preciso não se prender tanto ao ideal da ciência, para que o sujeito da psicanálise fosse explicitamente teorizado.

Este trabalho, por sua vez, começará por Freud e sua crença no cientificismo da psicanálise, ao mesmo tempo em que ele deparava-se com um saber que não se sabe. Foi esta constatação paradoxal que proporcionou a concepção de um sujeito próprio da psicanálise, constituindo assim uma questão fundamental para esta dissertação.

No primeiro capítulo serão abordadas as transformações nos modelos e ideais que a ciência moderna vem sofrendo.

No segundo capítulo será definido o que entende-se por ideal da ciência em Freud. Serão abordados alguns textos de Freud, tendo como fio condutor o seu posicionamento frente à ciência.

No terceiro capítulo será enfocado a compreensão de Lacan

da ciência moderna. Será enfatizado também sua concepção de estrutura que não nega o sujeito.

No quarto capítulo será analisado o "Projeto para uma psicologia científica" de Freud (1895), um recorte necessário para não se perder na imensidão de sua obra. Este texto, numa releitura particular, mostrará que apesar de sua linguagem fisiológica, nele estará o específico da psicanálise. Este texto demonstrará que a psicanálise se diferencia da ciência, pela ênfase na relação do sujeito a *das Ding*. Neste capítulo será enfatizado também esta outra diferença da psicanálise em relação à ciência, que é a questão do objeto.

Esta dissertação terá um desenvolvimento próprio ao contexto acadêmico na qual se insere: mestrado de psicologia. Por isto seus primeiros itens dirão respeito à história da ciência e às pré-condições do saber psicanalítico. Só depois, numa determinada leitura desta questão, este trabalho tomará uma posição crítica, lançando assim um olhar interior à psicanálise, buscando o seu saber a partir da clínica.

CAPÍTULO I

SOBRE O IDEAL DA CIÊNCIA

Para abordar este tema recorreu-se ao pensamento de Prigogine e Stengers (1991). Em seus textos, os autores citados acima, abordam desde o que se denominou de "ciência clássica", cujas leis matemáticas tudo determinam, até uma abertura do mundo onde o homem se vê implicado no que ele mesmo descreve. Teria se passado uma "metamorfose" na ciência, e por esta metamorfose, o homem é incluído no mundo que descreve, ao invés de ser neutralizado pela ciência (1). A teoria aqui exposta implica uma concepção de prática científica como prática cultural.

Prigogine e Stengers entendem a ciência como fazendo parte do complexo de cultura a partir do qual, em cada geração, os homens procuram encontrar uma forma de coerência intelectual. Uma de suas teses consiste em afirmar a forte interação entre questões produzidas pela cultura e a evolução conceitual da ciência nessa mesma cultura. Estes autores oferecem ainda elementos de reflexão sobre a importância das preocupações culturais na teoria científica como também, em contrapartida, o caráter da pressão das teorias e técnicas sobre as preocupações culturais.

Assim, este posicionamento nos parece contrário àquele que concebe a ciência em termos de rupturas e cortes epistemológicos, que é a posição assumida por Koyré que tanto influenciou Lacan. A postura de Koyré, segundo Prigogine,

visaria a uma depuração do discurso científico o que conduziria a uma abstração cada vez mais afastada da realidade.

Ainda segundo Prigogine & Stengers (1991) a mecânica clássica cuja formulação lançou as bases da ciência moderna e que começou com Newton (Séc. XVII), não cessou de concluir nos três séculos seguintes que o homem é um estranho no mundo que ela descreve. A ambição de modelar o mundo e de compreendê-lo, revela-se no ideal da física clássica onde um conhecimento máximo, completo, "reduziria o devir a uma repetição tautológica do mesmo" (Prigogine, 1991, p.4). Dizendo de outra maneira, há na física clássica a possibilidade de reversibilidade entre passado e futuro e vice-versa.

Pode-se dizer que essa ciência, especificamente a dinâmica clássica - parte da mecânica que estuda os movimentos dos corpos em relação às forças que os produzem - constitui para Prigogine o melhor ponto de referência para compreendermos a transformação contemporânea na ciência. Esta mesma ciência começou contra a natureza, em nome de um mundo eterno e cognoscível regido por um pequeno número de leis simples e imutáveis. Newton propõe uma lei universal que é obedecida desde os corpos celestes até a pedra que cai. Assim muitos fenômenos da natureza obedecem às leis matemáticas e a elas submetem-se. O "conhecer" confunde-se com o "saber manipular". Os séculos XVII/XVIII são caracterizados por essa visão.

Da dinâmica passa-se para a termodinâmica - primeira ciência não clássica e que estuda variações correlatas de

certas propriedades como pressão, volume, temperatura e sobretudo quantidade de calor. A termodinâmica clássica foi a base para o que se denominou "ciência do complexo" que caracteriza o século XIX. Desta forma a termodinâmica fez modificar certos conceitos perturbando definições já estabelecidas.

Como pode-se constatar, o livro discorre sobre o ideal da ciência clássica que é o de superar aparências complexas procurando leis simples, descrevendo trajetórias determinísticas - reversíveis. A função desta ciência seria a de ultrapassar aparências complexas e reduzir tudo a um conjunto de leis simples. Já a ciência contemporânea, que deve muito à termodinâmica, está muito mais na linha do irreversível e do probabilístico, dando assim grande ênfase à abordagem da "complexidade". Para tanto este capítulo detalhará esta passagem da ciência clássica à ciência do complexo tendo em vista que Freud foi bastante influenciado por este contexto quando iniciava-se este novo modelo de ciência - ciência que estuda a conservação de uma grandeza física, a energia, através das transformações que os sistemas físicos, químicos e biológicos podem sofrer.

Em 1847, Joule (Prigogine, 1991) dá um passo decisivo: "através dos fenômenos estudados em laboratório postula-se que 'alguma coisa' se conserva quantitativamente e muda de forma qualitativa - esta é a 'energia'". A conservação da energia através das transformações que os sistemas podem sofrer é o fundamento daquilo que foi chamado de ciência do complexo.

O primeiro princípio da termodinâmica é o da "conservação de energia". Este princípio reduz a natureza a algo econômico, bem articulado, tranqüilo e controlável, submetendo-a às equivalências experimentais. Naquele momento ainda era possível pensar em sistemas reversíveis que são aqueles em que se pode alterar o sentido da evolução e fazer com que o sistema retorne a um estado em que ele já estivera.

Entretanto, considera-se a questão fundamental suscitada pela termodinâmica: o calor. Ele impõe uma nova questão científica. O calor modifica estados, produz movimento. A temperatura age sobre o sistema.

Vale ressaltar que esta questão fundamental suscitada pela termodinâmica não diz respeito à natureza do calor, ou da sua ação sobre os corpos, porém à utilização deste.

A sociedade industrial que surgia utilizou-se das máquinas térmicas e conseqüentemente deparou-se com o problema do rendimento destas. Com essas máquinas emerge um fato novo: não há uma equivalência reversível entre calor e o trabalho mecânico que produz. É intrínseco a este processo que haja uma perda sem retorno já que nem toda a energia calorífica resultante da queima de carvão transforma-se em energia mecânica. Nem todo o carvão consumido pelas máquinas térmicas é transformado em trabalho.

A dissipação de certa quantidade de calor impede a reversibilidade da operação. Essa é uma situação nova. Assim a física dá-se conta da irreversibilidade. Afinal, só no ideal dos cientistas é que há equivalência reversível quando o trabalho mecânico é produzido. A conservação de energia só

se dá em condições ideais.

Com a termodinâmica, a ciência perde suas idealizações ao deparar-se com as "perdas" da própria natureza que sofre perturbações irreversíveis. A dissipação da energia abre uma nova questão, já que na natureza não é possível dispor de condições ideais para que não haja perda de energia.

O segundo princípio da termodinâmica nos conduz a um conceito novo: a entropia. Este termo expressa o quanto um sistema se afasta de sua possibilidade de retorno a um estado inicial. Diz este segundo princípio: "em um sistema isolado a entropia deste sistema aumenta ou permanece constante" (Prigogine, 1991, p. 96)

De acordo com este segundo princípio, a tendência geral dos acontecimentos na natureza física está na prevalência dos estados de máxima desordem e do nivelamento das diferenças. Nesta física o sistema caminha para a desordem que é sinônimo de homogeneidade.

Esta compreensão da físico leva à chamada morte térmica do universo como perspectiva final, depois que toda a energia tiver sido degradada uniformemente em calor de baixa temperatura. Um sistema isolado deverá ser necessariamente mais desordenado, caminhando para uma indiferenciação térmica (homeostase).

A propagação irreversível do calor é sinônimo de deterioração de energia. As perdas - desvio entre o ideal reversível e a transformação real - prescrevem que grande parte dos processos naturais são irreversíveis. São essas perdas que distinguem essencialmente o sistema da dinâmica

dos da termodinâmica.

Voltando à noção de entropia, Boltzman foi (Prigogine, 1991) quem primeiro introduziu na física a noção de probabilidade ao definir uma função para a entropia. Esta noção era até aqui estranha à descrição dinâmica com suas trajetórias determinística.

A entropia é uma "função" que traduz, em uma expressão quantitativa, o segundo princípio da termodinâmica. Esta função deve crescer ao máximo até finalmente o processo parar em um estado de equilíbrio.

Quando entropia e processos irreversíveis estão juntos, pode-se ir mais além da problemática das perdas do rendimento. Mais que isto, o crescimento da entropia designa uma evolução espontânea do sistema. A entropia torna-se assim um "indicador de evolução" e traduz a existência na física de uma "flecha do tempo".

Para todo o sistema isolado, "o futuro é a direção na qual a entropia aumenta" (Prigogine, 1991, p. 96). A irreversibilidade dos acontecimentos físicos, expressa pela função da entropia, dá ao tempo uma direção única. Sem a entropia, isto é, num universo de processos completamente reversíveis, não haveria diferença entre passado e futuro.

Toda a linguagem da termodinâmica diferencia-se bastante da dinâmica, onde o sistema evoluía sobre uma trajetória dada e mantinha eternamente a lembrança do seu ponto de partida, na medida em que as condições iniciais determinavam definitivamente a trajetória. Na termodinâmica, por sua vez, os sistemas evoluem para o mesmo estado de equilíbrio e

chegando aí, esquecem suas condições iniciais.

Em termos filosóficos pode-se dizer que o segundo princípio da termodinâmica é o primeiro abalo na noção clássica de que "todo real é racional" que vem de Hegel. Afinal a ciência encontra-se, neste momento, diante de uma natureza que não é mais autômata onde nos caberia apenas saber manipulá-la. A natureza é concebida agora como tendo processos espontâneos que sofrem transformações que não podem ser inteiramente controladas.

O século XIX, vivendo a possibilidade de esgotamento dos recursos e perspectivas de revolução e de progresso, foi bastante tocado pelos processos irreversíveis. Mas a termodinâmica só se aplicava aos sistemas artificialmente separados do mundo. O século XX teve no modelo biológico a fonte de inspiração para a nova aplicação da termodinâmica aos processos naturais.

Noções como determinismo, mecanicismo, bem como a linguagem newtoniana foram perdendo espaço. De saída, houve uma renovação na física que pressupunha um tratamento probabilístico - relação entre o número de casos favoráveis e os números de casos possíveis.

Postulações como a interferência entre o observado e o observador, bem como a prevalência do senso probabilístico, são fundamentais para a perspectiva renovadora da ciência moderna. As "leis de distribuição" permitem assim a abordagem científica da noção de acaso. Algumas ilusões e ideais da ciência clássica estão hoje excluídos.

Uma grande mudança no que hoje se pensa em relação à

ciência é a termodinâmica do não equilíbrio. Neste novo modelo de ciência há várias "flechas do tempo" por conta das "estruturas dissipativas" denominadas por Prigogine. Detalhando-se melhor, esta nova ciência debruça-se sobre o problema da criação de ordem, onde a natureza poderia produzir novas ordens a partir da desordem. Isto é feito em direção contrária à termodinâmica clássica onde o tempo evoluía somente para a desordem. Um organismo vivo - inspiração da termodinâmica do não-equilíbrio - é um sistema auto-organizador. Em outras palavras, esses sistemas hoje focalizados não tem tendência para a homeostase. As organizações vivas introduzem uma estrutura que não tende necessariamente para o equilíbrio.

Estas estruturas vivas, como já foi dito, estão longe do equilíbrio e tem sua evolução no sentido não entrópico. São essas estruturas que Prigogine chama de "estruturas dissipativas"; elas criam ordem a partir de desagregação da energia. A ordem emerge da desordem; a dispersão pode criar uma estrutura. Estrutura que é, entretanto, imprevisível e inantecipável (2).

Um exemplo simples de "estrutura dissipativa" pode ser tirado do aquecimento de um líquido. Sua camada inferior, quando levada a uma temperatura mais alta do que a superior, cria uma instabilidade. Devido ao aquecimento, no nível molecular (microscópico), a tendência do líquido é desordenar-se e dispersar-se - no vapor as moléculas se dispersam mais que no líquido. Prevalece assim a entropia. Porém, macroscopicamente o aquecimento produz turbilhões de moléculas

que se movem de maneira coerente, criando um processo de organização que aos poucos se expande tomando o líquido por completo. Macroscopicamente então, estabelece-se uma nova ordem no sistema, correspondente à geração de entropia negativa.

Tem-se então, a dispersão por um lado e a estrutura por outro, coexistindo num mesmo processo. Há uma associação entre a idéia de ordem e a de desperdício.

Portanto, a natureza é complexa, abarcando a imprevisibilidade e a determinação; a agregação e a desagregação; não se reduzindo a uma experiência única.

Assim, há na nova termodinâmica várias direções coexistindo. Não há um único princípio, mas a convergência de campos explicativos diversos.

Percebe-se também que na nova ciência a natureza é múltipla e as explicações a respeito dela dependerão do problema considerado. A reversibilidade, por exemplo, que se aplica à dinâmica, adequa-se às escalas planetárias; a indeterminação da física quântica aplica-se aos problemas microscópicos. Há uma multiplicidade conciliatória de princípios. Por todos esses fatores acima citados, a atualidade desfruta de uma ciência aberta.

Essa rápida contextualização da ciência foi feita buscando localizar a atmosfera de mudança científica em que estava absorvido Freud. O "princípio de conservação da energia" - não existe "produção" de energia, mas somente transferência de um lugar para outro do espaço"- teve importância não somente no que concerne às teorias científicas,

mas também quanto à imagem da ciência da época.

A noção de energia do século XIX está intimamente ligada ao problema da conservação e do equilíbrio. Há autores que buscam aproximações entre conservação e equilíbrio com o princípio de constância de Freud. Este princípio visa a conservar o nível de excitação psíquica, regulando as estimulações internas e externas.

O texto de Carlos Paes de Barros denominado: "*Contribuições à controvérsia sobre o ponto de vista econômico*" (1975) trata da possível equivalência acima citada. Seu posicionamento, que parece dos mais aceitáveis, não faz equivaler um ao outro, isto é: a noção de conservação e equilíbrio da termodinâmica clássica e o princípio de constância de Freud. O trabalho de Paes de Barros sustenta essa diferença na medida em que a termodinâmica trata de conservação de quantidade - que se aplica ao que é medido e mensurável, opondo-se à qualidade - e no princípio de constância de regulação de intensidade - propriedade de algo que pode aumentar ou diminuir, mas que não se reduz à quantidade, sendo considerada também a expressão qualitativa da quantidade. Termos como "soma de excitação" e "cota de afeto" em Freud dizem respeito à intensidade e não propriamente à quantidade.

Dando seguimento, o próximo capítulo tratará da época de Freud e dos cientistas que o marcaram. Antes, contudo, é pertinente a colocação de que, apesar da preocupação com a contextualização e com as filiações, não se pensa ser este caminho suficiente para revelar o sentido de um texto. Como pode ser constatado, o modelo do aparelho psíquico no

"Projeto" (Freud, 1895), por exemplo, é compatível com a termodinâmica mas não se reduz a ela. Se assim fosse não haveriam tantas ambigüidades em Freud.

NOTAS:

(1) Esta implicação do cientista nas propriedades dos objetos observados foi afirmada de forma contundente por Heisenberg. Ele postula que um elétron, por exemplo, pode surgir como uma partícula - substância confinada a um volume muito pequeno - ou como uma onda - substância espalhada sobre uma região de dimensão muito grande. Só depende de como o objeto é observado. Fazendo-se ao elétron uma pergunta no plano das partículas, ele responderá no plano das partículas; fazendo-lhe uma pergunta no plano das ondas, ele responderá no plano das ondas. O experimento depende da maneira de observar o sistema ou do fato deste está sendo observado. Isto é contrário ao ideal da ciência clássica que tinha a crença na descrição objetiva do mundo sem se dar conta de que a natureza está submetida ao método pelo qual esta é questionada. Desde o aparecimento da física quântica a idéia da simplicidade do microscópio - na dinâmica clássica pensava-se que o microscópio não traria problemas novos, centrando-se apenas, então, no macroscópio - ficou insustentável, bastando levar em conta que qualquer teoria microscópica depende do instrumento de medida e/ou observação. Heisenberg, W. (1987) *Física e Filosofia*. Brasília, Ed. UNB.

(2) Imprevisível e inantecipável em termos, pois começa-se a revelar "atrativos" que revelam um certo comportamento organizado. Através da noção de "atrativos" se traduz a diversidade qualitativa de "estruturas dissipativas", característica de sistemas complexos. Assim os trabalhos atuais estudam "comportamentos organizados" apesar da

aparência caótica. Longe do equilíbrio são descobertos "comportamentos coerentes" nos sistemas. Isto é muito comum desde a própria titulação destes trabalhos, aparentemente paradoxal, como "caos determinístico" ou "ordem caótica" (Ver: *Revue la Recherche*. n^{os}185 / 225)

CAPÍTULO II

IDEAL DA CIÊNCIA EM FREUD

2.1 - INTRODUÇÃO

Este capítulo inicia-se com um item dedicado ao ideal de ciência em Freud. Isto só é possível passando-se pelas transformações que a ciência tem sofrido, e também localizando a atmosfera intelectual e científica que caracterizava o contexto em que Freud estava inserido.

O que mais chama atenção é o compromisso freudiano com o contexto positivista de Viena do final do século. Porém, numa leitura mais atenta de seus textos, pode-se perceber as divergências entre o saber que Freud fundava e as exigências deste ambiente.

Será percorrido esta visível ambigüidade entre o aparente "ideal de ciência" da época e este saber em construção que quebrava as posturas rigidamente pré-estabelecidas pela atmosfera positivista onde a psicanálise surgiu.

2.2 - FREUD E A CIÊNCIA DA SUA ÉPOCA

A teoria freudiana foi bastante influenciada pela concepção do homem como máquina energética que teve ressonância cultural no século XIX. Interessante também adentrar na termodinâmica clássica pela qual Freud foi bastante influenciado. Pode-se dizer que ele tinha seu "ideal de eu" científico voltado para os cientistas de maior renome da época. Isto é o que percebe-se em seu texto "Um estudo autobiográfico" (Freud, 1925):

"Por fim, no laboratório de fisiologia de Ernst Brucke encontrei tranquilidade e satisfação plena - e também homens que pude respeitar e tomar como meus modelos: o próprio grande Brucke e seus assistentes, Sigmund Exner e Ernst von Fleixchl-Marxow"

(Freud, 1925, p.20).

Isto permite supor uma aproximação genealógica dos modelos e das referências que serviram a Freud para sua terminologia e conceitualização.

No tempo de estudante de medicina Freud seguiu cursos dados por Brucke como "Fisiologia da voz e da educação", entre outros sobre fisiologia. Outras figuras importantes nessa área, por Freud já citados, foram Exner e Fleixchl.

Brucke (1819-1892) tinha um instituto que Freud frequentava e trabalhava, apoiando-se na tese da continuidade morfológica da célula nervosa dos animais superiores e inferiores. Este

Instituto fazia parte do movimento científico conhecido como Escola de Medicina de Helmholtz (1821-1894). Os ensinamentos no plano da física e da fisiologia dessa escola espalharam-se e foram os alicerces em que a educação de Fliess e Breuer foram baseadas. Este pensamento pregava as forças físico-químicas como as únicas que se achavam em ação no interior do organismo. A forma dessa ação é obtida por intermédio do método físico-matemático.

Essas forças, presentes no organismo vivo, agem de acordo com o princípio de conservação de energia popularizado por Helmholtz. Para ele, a soma das forças permanece constante em qualquer dos casos isolados.

Na concepção desta corrente de pensamento, o que se passava no domínio da física seria imediatamente aproveitado no campo da fisiologia de onde sai a psicofisiologia. Nos anos de 1840 havia duas grandes escolas de psicofisiologia: os "nativistas" - teoria das idéias inatas, independentes da experiência, sem atividade empírica - e os "empiristas" - doutrina que admite que o conhecimento provem unicamente da experiência negando a existência de princípios puramente racionais, que pudessem levar ao conhecimento verdadeiro. Helmholtz era o chefe dos empiristas e tinha como projeto aplicar o princípio de conservação de energia aos fatos fisiológicos. Enfim, era uma época em que os psicólogos que surgiam caracterizavam-se por ignorar diferenças individuais. O estudo das sensações visuais e auditivas, tempo de reação, psicofísica e associação, constituíram quase todo o campo de experimentação.

Um físico de Viena que também influenciou Freud foi Ernst

Mach. Ele foi um cientista de grande relevância no final do século XIX. Sua grande questão era determinar um ponto de continuidade entre a física e a psicologia. Seu projeto de continuidade psicofísica foi exposto em livros como "*L'histoire et la racine du principe de la conservation du travail*" (1872), "*La mecanique et son évolution*" (1883), "*Les principes de la théorie de la chaleur*" (1897), e, sobretudo, "*L'analyse des sensations et le rapport du physique au psychique*".

Mach traduziu para a epistemologia a prática científica dos doutores de mais renomados daquela época. Uma alusão no texto "*O estranho*" prova que Freud (1919) leu Mach. No momento em que Freud está se referindo ao estranho efeito do "duplo", ele coloca numa nota de rodapé que:

"Ernst Mach relatou duas observações dessas em sua '*Analyse der Empfindung*' (Análise da Sensação) (1900). Na primeira ocasião, não se espantou nem um pouco ao perceber que o rosto diante dele era o seu próprio rosto. Na segunda vez, formou uma opinião muito desfavorável sobre o suposto estranho que entrava no ônibus e pensou: 'Que professorzinho miserável é esse homem que está entrando'". (Freud, 1919, p.309)

Sabe-se também que Freud compartilhou com Mach da vontade de fundar uma sociedade que difundisse o positivismo. Para tal, subscreveu em 1911 um manifesto, redigido por Mach, para esta fundação.

Algumas idéias de Mach (1905) desenvolvidas no seu livro "*Erkenntnis und Irrtum*" (Conhecimento e Erro) são bastante semelhantes a alguns pontos de vista encontrados em Freud.

Abaixo serão demonstradas algumas das comparações feitas por Paul Laurent-Assoun (1). Ele elucida a importação de um modelo epistemológico em Freud.

Mach colocava-se como um doutor que examina os métodos pelos quais um cientista adquire conhecimento. Ele evita afirmar-se filósofo, já que delimita uma fronteira entre esses saberes. Encontra-se em Freud também o propósito de ter a mesma postura, não mesclando o que é específico do saber científico e da filosofia.

Mach reconhece a filosofia como um lugar de utopia chamado "país do transcendente". Este estaria separado por um abismo das regiões científicas. Sua compreensão vai no sentido de que o filósofo tem necessidade de sistemas pré-construídos e o cientista tem um ponto de partida arbitrário, deixando espaço para as novas descobertas.

Tanto em Freud como em Mach, há uma idéia da filosofia como um país que só se vai a passeio turístico! Não é Freud que em "Um estudo autobiográfico" (1925) refere-se à sua "incapacidade constitucional" (Freud, 1925, p.75) frente à filosofia? Além disso, Freud aproxima a psicanálise da "ciência da natureza", diferenciando-a da "Weltanschauung" (visão de mundo) filosófica. Neste mesmo texto ele define ainda a psicanálise como "ciência baseada na observação" (Freud, 1925, p.74) acrescentando que:

"as idéias básicas ou os conceitos mais gerais em qualquer das disciplinas da ciência sempre ficam indeterminados no início e somente são explicados, para começar, mediante referência ao domínio dos fenômenos de que se originam; é

somente por meio de uma análise progressiva do material de observação que podem ser tornados claros e podem encontrar um significado significativo e consistente". (Freud, 1925, p.74)

Nessa forte ligação entre psicanálise e ciência não se percebe em Freud, a princípio, um temor pelo fim da psicanálise. Afinal ainda não era concebível a desvalorização da ciência. Não existiam razões para imaginar a interrupção do progresso do conhecimento científico. Se ele, em algum momento, temeu o fim da psicanálise foi talvez por perceber a diferença desta para a ciência.

Esta diferença entre psicanálise e ciência foi o que Lacan pôde abordar de maneira explícita. É o que pode ser encontrado, por exemplo, no texto "A terceira" (Lacan, 1974a) onde ele considera a inviabilidade da psicanálise, se ciência e religião se juntarem num excesso de sentido (2).

Alguns textos de Freud serão analisadas a fim de situar melhor seu ideal de ciência.

NOTAS:

(1) Assoun, P.-L. (1978). Freud et Ernst Mach. *Revue Ornicar*. 14.

(2) No livro denominado "*Quem tem medo da ciência*" (Stengers, 1990), foi feita a colocação de que Freud tinha um registro técnico-científico, enquanto Jacques Lacan tinha um registro antropológico-ético na compreensão da psicanálise. O importante nesta afirmação é que a autora chama de registros diferentes, o que o próprio Lacan chamaria de ideal. Observa-se que há uma grande divergência entre essas duas posições. O que está em questão é que a autora vê esse problema como uma epistemóloga que tem sua própria linha de pensamento. Já Lacan se detém frente a esta problemática através do que ele denominou como sendo o discurso psicanalítico. Estas duas tomadas de posição divergentes foi uma das motivações deste trabalho.

2.3 - CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DE TEXTOS FREUDIANOS

Freud teve sua formação intelectual no interior de uma atmosfera científica e positivista, típica do século XIX. Encontramos em seus textos um aparente ideal de racionalidade científica. Aliás, foi por onde Freud pôde se impor e fazer valer sua própria teoria, em elaboração na época. Mas será que o saber que elaborava adequou-se ao ideal abraçado por ele? Alguns de seus trabalhos, mais precisamente nove, serão analisados abaixo.

O texto "*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*" (Freud, 1893) é um texto no qual Freud esforça-se para descobrir a "causa desencadeante" (p. 43) do sintoma histérico. Ele trata ainda de fazer o paciente recordar a "conexão causal entre o fato desencadeante e o fenômeno patológico" (p. 43); o sintoma é "claramente determinado pela causa desencadeante" (p. 44). Trata-se de uma causalidade puramente psíquica - a paralisia histérica ignora a anatomia.

Desta sua investigação, poderia-se inferir uma concepção de causa que o aproximaria do determinismo clássico, que é o da causa e do efeito linear? Não. Não é possível fazer esta inferência tanto pela reminiscência quanto pela retroação significativa. Explicando melhor, Freud diz que "podemos inverter a máxima 'cessant causa cessat effectus' (cessando a causa cessa o efeito)" (Freud, 1893-1895), p.48). Isto porque "os histéricos sofrem sobretudo de reminiscência" e

é por isto que mesmo a causa - trauma - já cessada, continua o efeito.

Além disso, o determinismo clássico não se coaduna com a retroação significativa, que é claramente apresentada por Freud no "Caso Emma" (Freud, 1893-95)

Naquele caso não foi encontrado essa noção de causa e efeito já que o trauma se produz, agora, em dois tempos. Há um primeiro tempo da sedução propriamente dita, que não dá origem a qualquer excitação sexual. Só no segundo tempo, com um novo acontecimento, com as condições necessárias para o aparecimento da excitação, e por traços associativos de significação, pode ser evocada a recordação do primeiro. Teria-se assim a recordação, e não o próprio incidente, produzindo efeito.

Emma conta a Freud o seu sintoma. Ela informa não poder entrar nas lojas sozinha. Cita uma primeira cena, quando tinha doze anos, de dois vendedores rindo de suas roupas e da atração sexual que sentiu por um deles. Prosseguindo nas investigações, conta uma segunda lembrança que não lhe veio à memória na primeira cena relatada. Aos oito anos de idade, ao comprar doces numa confeitaria, o proprietário agarrou-lhe as partes genitais por cima da roupa.

A conclusão de Freud é exemplar:

"Agora compreendemos a cena I (vendedores) combinando-a com a Cena II (proprietário da confeitaria). Basta estabelecer um vínculo associativo entre ambas. A própria Emma indica que ele é fornecido pelo riso: o riso dos vendedores lhe fez lembrar o sorriso com que o proprietário da confeitaria acompanhou o atentado.

A marcha dos acontecimentos já pode ser reconstituída. Na loja, os dois vendedores estavam rindo; esse riso evocou (inconscientemente) a lembrança do proprietário. De fato, a segunda situação apresenta ainda outro ponto semelhante (com a primeira): ela mais uma vez estava em uma loja sozinha. Juntamente com o proprietário da confeitaria, lembrou-se de que ele a agarrou por cima da roupa; mas nesse entretanto atingiu a puberdade. A lembrança evocou o que ela certamente não estava apta a sentir na ocasião, uma liberação sexual, que se transformou em angústia. Devido a esta angústia, teve medo de que os vendedores da loja pudessem repetir o atentado e saiu correndo." (Freud, 1893-95, p.466)

Este é um avanço na complexidade do determinismo freudiano. Pode-se tirar daí que não há uma linearidade entre causa e efeito, por isso o Inconsciente é imprevisível e incompatível com uma filiação linear determinística. Neste sentido é que se diz que o tempo em Freud é o futuro anterior. Como nos diz Lacan: o percurso subjetivo " (...) se funda na atualidade que tem no seu presente o futuro anterior" (1)

No "*Projeto para uma psicologia científica*" Freud (1895) quis oferecer uma psicologia sob o modelo das ciências naturais. Os processos psíquicos seriam como estados quantitativamente determinados de partículas materiais. Ele enfatizou o efeito do meio sobre o organismo e a resposta deste. A descrição da mente é feita em termos fisiológicos. Porém, numa leitura mais atenta deste texto, constata-se que na "experiência de satisfação" o objeto é alucinado (p. 424): a imagem do objeto não é acompanhada da presença real deste. O ego entra aí não como pessoa, mas como a função que

possibilita a distinção entre objeto real e objeto alucinado, inibindo a alucinação. O que nos importa aqui é que o objeto é desde sempre perdido, por isso é alucinado. Esta afirmação é fundamental para observar-se que não há uma relação tão harmoniosa assim entre a teoria Freudiana e o ideal da ciência de sua época. Se ele tinha a crença na busca de um objeto da realidade, ele também não deixou de apontar para a alucinação como etapa primeira.

Na "*Interpretação dos Sonhos*" Freud(1900) afirma que o sonho tem um sentido e que este é correlativo do trabalho de interpretação. Tanto os sintomas neuróticos como os sonhos trabalham com "símbolos", substitutos do material recalcado. A problemática é a decifração do sentido, articulando assim desejo e linguagem. Alguns dos conceitos mais importantes da psicanálise foram desenvolvidos a partir desse texto. Ao se referir aos sonhos como realização de desejo, ele mostra que há um ponto central nesta questão onírica. Este ponto de maior intensidade é o chamado "umbigo do sonho". Fala-se aqui de um desconhecimento como ponto central, que é um outro caminho possível de criar uma interrogação sobre o posicionamento de Freud frente à ciência de sua época.

O texto "*Psicopatologia da Vida Cotidiana*" é um dos mais utilizados de Freud (1901). A hipótese deste é a de que não há nada de arbitrário na vida psíquica, já que esta segue caminhos que podem ser predeterminados por suas leis. Naquele texto Freud mostrou-se bastante determinista. Essa argumentação foi bem explicitada nos dois trechos reproduzidos abaixo:

1) "Se cedemos ao ponto de vista de que parte do nosso funcionamento psíquico não pode ser explicado por idéias intencionais, estamos falhando ao avaliar a extensão da determinação da vida mental. Tanto aqui quanto em outros campos esta é de alcance muito maior do que suspeitamos." (Freud, 1901, p.288)

2) "Mas aquilo que um lado libera recebe sua motivação do outro, do inconsciente; e dessa maneira a determinação na esfera psíquica, ainda assim, realiza-se sem qualquer lacuna." (Freud, 1901, p.304)

O texto "*As cinco lições sobre psicanálise*" foi uma coletânea de conferências que Freud (1909) foi convidado a dar, convite este considerado por ele um dos seus primeiros reconhecimentos públicos. Naquele texto aparece várias vezes sua "rigorosa fé" (p. 36) no determinismo dos processos mentais. Coloca não acreditar que uma idéia concebida pelo doente seja casual. Os dois obstáculos contra a aceitação das idéias psicanalíticas são considerados:

"primeiramente a falta de hábito de contar com o rigoroso determinismo da vida mental, o qual não conhece exceção, e, em segundo lugar, o desconhecimento das singularidades pelas quais os processos mentais inconscientes se diferenciam dos conscientes que nos são familiares" (Freud, 1909, p.48)

Entende-se que Freud se manteve determinista. Porém trata-se de um determinismo a posteriori, e não de um determinismo mecanicista. Já no "*Projeto*" isto é apresentado a propósito do "*caso Emma*".

Em 1915 no texto "*Os Instintos e suas Vicissitudes*", especificamente no primeiro parágrafo, Freud ofereceu uma construção epistemológica da psicanálise. Ele disse que as

idéias iniciais de um procedimento científico tem "o caráter de convenção". Neste ponto seu pensamento assemelhou-se ao de Ernst Mach, conforme já citado no item 2.2. Mach falou do ponto arbitrário de onde parte o cientista, diferenciando-o do filósofo. Tome-se assim dois momentos que demonstram a semelhança de posição desses dois autores:

"o verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, classificação e sua correlação". (Freud, 1915, p.137)

Aqui Freud parece um empirista já que adapta o pensamento sempre em correlação com a investigação do material experimental: adaptação dos pensamentos aos fatos. Porém ao continuar o texto, afirma:

"mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações". (Freud, 1915, p.137)

Essa última citação cria um problema. O que são "idéias abstratas"? Freud parece aí, ao contrário do que foi dito antes, fazer prevalecer as idéias abstratas sobre os experimentos. Estaria então desligando-se de sua ligação empirista e deslocando-se para um eixo racionalista? Pelo menos ele está, no momento, priorizando o pensamento. Na continuação desse mesmo parágrafo ele acrescenta que essas idéias parecem ter origem no material de observação, mas "foram impostas". Este é um texto importante pois, Freud sistematiza pela primeira vez

uma teoria das pulsões, diferenciando-se do "modelo simples do reflexo fisiológico" - recebimento de estímulos e descarga de energia correspondente. Freud partiu do campo fisiológico, passou pelo material clínico e chegou ao específico do campo psicanalítico.

As "Conferências introdutória sobre psicanálise" (Freud, 1916) proporcionam uma descrição bastante pormenorizada da posição da ciência daquela época, principalmente na introdução da primeira parte denominada "parapraxias". Seus comentários evidenciam sua ambivalência em relação à sua posição frente à ciência da época.

Começa colocando que sabe do preconceito que muitos tem em relação à psicanálise. Afinal,

"foram formados para encontrar uma base anatômica para as funções do organismo e suas doenças, a fim de explicá-las química e fisicamente e encará-las do ponto de vista biológico. Nenhuma parte do interesse dos senhores, contudo, tem sido dirigida para a vida psíquica, onde, afinal, a realização desse organismo maravilhosamente complexo atingiu seu ápice." (Freud, 1916, p.32).

Freud afirma que suas descobertas em relação aos "processos mentais inconscientes abrem o caminho para uma nova e decisiva orientação no mundo e na ciência" (Freud, 1916, p. 35). Tudo parece indicar que irá romper com a ciência da época. Ressalta os preconceitos contra a psicanálise na ordem do emocional, não se justificando intelectualmente. Porém, no decorrer do texto, todo o seu esforço parece justamente o de justificar-se e continuar com aquela visão cientificista dos mecanismos

inconscientes que desvendava. Talvez não tivesse se dado conta de que, com a noção de pulsão, abria um campo novo de investigação.

A teoria das pulsões pode ser considerada como a ruptura com a visão puramente determinística da psicanálise. Não seriam as pulsões o lugar do acaso? Longe de querer aqui fazer um estudo, texto por texto, da teoria das pulsões. Este trabalho apenas pontua o modo como ela pode ser assim considerada.

A psicanálise possui uma visão determinística, ainda que se trate de um determinismo a posteriori. O inconsciente é imprevisível, mas determinado. A pulsão, mas propriamente a pulsão de morte, rompe com o determinismo não por ser imprevisível - isso o inconsciente também o é - , mas por ser indeterminada.

Como assim? A pulsão, neste caso, é entendida como caótica e portanto, diferente da ordem. Não há um objeto específico que a satisfaça, sendo esta relação marcada pelo acaso.

A energia da pulsão quando não pertence ao aparelho psíquico, quando é livre, dispersa, pura intensidade, é chamada pulsão de morte. Assim, a pulsão de morte é silenciosa; ela não tem representantes. A energia da pulsão só é energia ligada quando presentificada pelos representantes psíquicos do inconsciente.

Entre as várias dualidades apresentadas pela psicanálise, há dois registos diferentes: ordem (do aparato psíquico); e acaso ou dispersão (das pulsões). Em psicanálise não se pode prever qual será a próxima formação do inconsciente (sonhos,

chistes, atos falhos) exatamente porque seu objeto não se restringe ao Inconsciente e seus mecanismos, mas também há a pulsão. Dois modos de funcionamento em psicanálise existem concomitantemente.

Pode-se dizer que houve um deslocamento epistemológico do inconsciente e suas leis, para as pulsões. Mas isto não quer dizer que não possamos aproximar a psicanálise da ciência sobre outro modelo. Há os que hoje a aproximam da termodinâmica do não-equilíbrio. Essa aproximação é possível via pulsão de morte, que é a pulsão por excelência, na medida em que não é absorvida pelo aparelho psíquico. Este possível paralelo será o tema abordado no item 2.4.

Retomando a análise de textos freudianos será analisado agora um texto de Freud que é "*Análise Terminável e Interminável*" (1937), bastante posterior aos anteriormente citados.

Neste texto encontra-se uma confissão de fracasso: a resistência é mais forte e o sintoma retorna. Se esse "fracasso" faz com que Freud abandone seu otimismo científico é porque ele tinha um compromisso com a ciência da época. Sucede que Lacan vai enfatizar exatamente esse ponto de "fracasso" para daí radicalizar, dizendo que a psicanálise é diferente da ciência porque encontrou sua própria lógica. Especificamente dentro da psicanálise há um momento de parada na cadeia associativa e o sujeito "escolhe" seu sintoma.

É claro que Lacan só chegou a essa afirmação porque achou em Freud subsídios para tal. A psicanálise teve em Freud os caminhos possíveis para pensar o sujeito. Seja na atividade

da fantasia - - atividade específica do sujeito - que se interpõe entre o trauma, a "cena de sedução" por exemplo, e o sintoma; seja no "umbigo do sonho" - "existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável - um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contacto com o desconhecido" (Freud, 1937, p.119) - foi Freud quem viabilizou pensar-se neste sujeito.

Todos esses são caminhos possíveis para reconhecer-se e desenvolver-se o sujeito em Freud. Porém, estamos aqui nos referindo apenas ao ideal de ciência em Freud, mencionando que a preocupação com a conceitualização do sujeito é uma problemática que diz respeito à conjuntura vivenciada por Lacan.

NOTAS:

(1) Lacan, J. (1956) O Seminário Sobre a Carta Roubada (p. 57). Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978

2.4 - ENTROPIA E PULSÃO DE MORTE

O conceito de pulsão de morte serve, neste momento, como ponto de separação entre Freud e a termodinâmica de sua época.

Especificamente sobre a entropia, função que marcou a termodinâmica clássica, encontra-se uma referência em Freud no texto *"Análise Terminável e Interminável"* (1937). Ele relaciona a "entropia psíquica" a um ponto de parada nas associações do paciente, não havendo lugar para o novo. Mas essa "parada" seria inevitável ou há algo que sempre insiste permitindo um movimento permanente?

Lacan no *"Seminário 2 - O eu na teoria e na técnica da psicanálise"* (Lacan, 1954-55, p.103) afirma que a pulsão de morte é só um conceito e que, por isto, não pode ser confundida com a realidade material, nem tampouco com o inevitável da existência que é o caminho para a morte. Afirma também que o princípio do prazer funciona sobre a lei de descarga e volta à posição de equilíbrio. É essa semelhança com o princípio da homeostase que faz com que Freud inscreva tudo em termos de investimento, descarga e relação energética. Existe, porém, o "além do princípio do prazer", que não funciona assim. Ele não se adequa ao pensamento energético do século XIX.

No *"Seminário 7 - A ética da psicanálise"*, Lacan afirma a pulsão como criadora (Lacan, 1959-60, p.259/260): "a noção da pulsão de morte é uma sublimação criacionista" é "vontade de recomeçar com novos custos".

No *"Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais"* diz

que a pulsão "não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, nem subida nem descida." (Lacan, 1964, p.157). A pulsão de morte é constante e ininterrupta.

Estes desenvolvimentos, portanto, divergem dos que definem pulsão de morte como descarga de tensão, aproximando-a assim da tendência à homeostase. Ao contrário, a pulsão de morte insiste sem descanso e sem finalidade, numa repetição que gratuitamente incomoda o equilíbrio do sistema psíquico.

A semelhança da pulsão de morte com a tendência à homogenização pode até ser encontrada em Freud no texto "*Além do princípio do prazer*" (1920), quando submeteu esta a um modelo homeostático, tendendo a indiferenciação. Alguns trechos daquele trabalho confirmam essa semelhança:

"A entidade viva elementar, desde seu início, não teria desejo de mudar; se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso de vida." (Freud, 1920, p.55)

"Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morre por razões internas, torna-se mais uma vez inorgânico (...) o objetivo de toda vida é a morte (...)" (Freud, 1920, p.56)

"A tendência dominante da vida mental, e talvez, da vida nervosa em geral, é reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devido aos estímulos (...) e o reconhecimento deste fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência das pulsões de morte." (Freud, 1920, p.76)

Porém, uma leitura cuidadosa do texto "A Negativa" (Freud, 1925) na sequência do "Além do princípio do prazer", faz a pulsão de morte ganhar uma nova dimensão. Para tal, auxilia o texto "Comentários Hablados Sobre la Verneinung de Freud" de Jean Hyppolite que pode servir de apoio para este enfoque pois, analisa o texto "A Negativa" (traduzido por ele como "denegação").

O domínio do "sim" pertence a Eros, enquanto a denegação está associada à pulsão de morte. Se o homem fosse governado apenas pela afirmação se manteria num estado de união primordial; é só com a possibilidade de dizer "não" que se rompe essa fusão. Neste sentido a pulsão de morte é criadora, pois possibilita a constituição do objeto e a estruturação do psiquismo.

É por esta possibilidade de interpretação que hoje permite-se a aproximação da psicanálise à termodinâmica do não-equilíbrio, via pulsão de morte. Tanto pulsão de morte como a nova termodinâmica são criadoras de novas ordens.

A proximidade faz-se possível também porque em Freud há dois domínios irreduzíveis: o inconsciente - campo das representações - e a pulsão - campo das intensidades. Como são campos que não podem ser reduzidos a um único princípio, é possível aproximar o pensamento freudiano da ciência contemporânea que trabalha com a complexidade. Entende-se por complexidade aquilo que não pode ser reduzido à elementariedade ou a uma estrutura simples de um único princípio explicativo. Aprópria pulsão de morte é desagregadora e criadora ao mesmo tempo. (1)

Na nova teoria científica coexiste a reversibilidade da dinâmica, a indeterminação da mecânica quântica, as evoluções para o equilíbrio da termodinâmica clássica, (...). A escolha do princípio explicativo a ser utilizado só depende do problema escolhido: atômico, molecular, (...).

Na psicanálise também há, pelo menos, dois modos de funcionamento: o do inconsciente e o da pulsão. Entretanto as semelhanças da psicanálise com a nova ciência param por aí.

A pluralidade na psicanálise não é harmônica. Não se sai ileso desta relação entre o estruturado e o disperso, entre a representação e o irrepresentável. O sujeito divide-se neste conflito.

Para entender esse conflito inevitável, não se pode reduzir a psicanálise ao ponto de vista econômico, sob o risco de reduzi-la à interpretação fisicalista. Da mesma forma reduzir a pulsão de morte à termodinâmica clássica, ou reduzi-la à teoria da termodinâmica do não-equilíbrio, é uma simplificação. Na verdade esses dois campos não abarcam toda a psicanálise. Isto porque a psicanálise também se refere ao trágico. Freud usando da liberdade poética, que também há nos seus textos, foi além do rigor científico, permitiu o recurso a outros campos de saberes.

A afirmativa acima pede uma explicação sobre o que se entende por trágico. Longe de adentrar no longo percurso que se abre ao querer definir o trágico, vai-se apenas seguir o ponto de vista desenvolvido por Clement Rosset no seu livro denominado "Lógica do Pior" (1989). Este livro fica como

referência da ligação entre o trágico e a psicanálise. Nos deteremos em três pontos possíveis de se pensar esse entrecruzamento: acaso; implicação e responsabilização do sujeito ;e a repetição diferencial.

Na tentativa de buscar uma palavra capaz de definir o trágico, Rosset encontra somente uma: acaso. É como ele próprio o nomeia, uma "palavra mágica, que soubesse falar sem nada dizer, pensar sem nada conceber, recusar toda ideologia sem se engajar em qualquer ideologia". (p.79)

Portanto, o trágico é a afirmação do acaso. Este não tem determinação e é mais do que arbitrário e imprevisível. Afinal, imprevisível o Inconsciente freudiano também o é, e nem por isto é da ordem do acaso.

Em relação ao Inconsciente, este é imprevisível à medida em que obedece a uma lógica *a posteriori*. Ele é imprevisível mas é explicável pois, tem uma determinação (tem suas leis). Determinação que, como já foi dito, não é linear.

Já o acaso não faz parte do mecanismo do inconsciente e também não é objeto de estudo da ciência moderna. Esta toma o acaso apenas no sentido ou do senso estatístico probabilístico ou do acaso aleatório dos "saltos quânticos". O cientista continua buscando as leis ou as ordens que regem esse acaso. Enquanto o acaso trágico é aquele que não tem leis.

Uma característica da ciência é o repúdio ao acaso - enquanto anti-princípio de tudo o que existe - , e conseqüentemente ao trágico já que para a ciência a inteligibilidade do mundo é necessária.

É trágico aquilo que deixa mudo todo discurso. O trágico

começa quando não há mais nada a dizer. Não há "leis do trágico". Isto nos liga à noção de pulsão de morte que é silenciosa, bem como ao próprio "umbigo do sonho" mencionado por Freud (1900) na "Interpretação dos Sonhos" (1900).

Quanto à pulsão de morte, como já foi referida, ela é caótica e poderia ser referida como lugar do acaso. Ela tem uma dimensão desagregadora pois é vontade de destruição. Mas, paradoxalmente, ela é condição de possibilidade de novas agregações. Isto porque possibilita (com o "não" que rompe a fusão agregadora de Eros, ao qual se referiu Hipollite) a constituição do objeto e da estruturação do psiquismo. Ela é vontade de começar de novo.

Outra maneira de pensarmos o trágico e a psicanálise, que não seja só via noção de acaso, existe quando Rosset considera antitrágica a idéia de exterioridade. E a psicanálise, ao contrário, envereda pelo caminho oposto implicando e responsabilizando o sujeito no drama do qual se queixa. Isto fica mais claro ao entender que no drama, o sujeito pode imputar a responsabilidade a algo exterior, uma determinação qualquer, um destino, um Deus. No trágico, pelo contrário, o sujeito é em si próprio o seu inimigo.

O homem torna-se trágico quando o "inimigo" está também no interior dele mesmo. Esta concepção pode nos remeter ao efeito do "duplo" do texto "O Estranho" (1919) de Freud onde o mais familiar é também o mais estranho.

Um terceiro desenvolvimento possível e que ocupa grande parte do livro é dedicado à repetição do mesmo.

A repetição do mesmo é a que a ciência clássica supõe que

seja possível. Pode-se dizer que foi partindo do fato de que a repetição-reprodução era possível no homem que o behaviorismo de J. B. Watson, por exemplo, afirmou que toda vez que se repetisse o mesmo estímulo teria-se a mesma resposta. Este é o modelo biológico.

Já a repetição diferencial pode ser pensada em dois níveis. Primeiramente pela linguagem, já que no campo do sentido há uma inesgotável capacidade de criação. Mesmo que uma palavra seja repetida, não haveria reprodução de seu sentido.

O outro nível de se pensar a repetição diferencial é pela pulsão. Como a pulsão é caótica, ela não permite supor uma ordem. No campo do puro acaso não há o mesmo; há apenas a diferença.

Finalizando esse item pode-se afirmar que, com a pulsão de morte, Freud abriu um novo campo de investigação que não se adequava inteiramente à ciência de sua época: um campo onde não há determinação, cujo funcionamento não se dá segundo a tendência à homeostase; que supõe a possibilidade de uma ordem surgindo a partir do caos. Ele extrapolou os limites das proposições propriamente científicas de sua época, abrindo uma brecha para um novo tipo de saber.

NOTAS:

(1) Para isto ver Gondar, J. (1993) *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado PUC-Rio.

CAPÍTULO III

A CIÊNCIA E O SUJEITO DA PSICANÁLISE

3.1 - INTRODUÇÃO

O segundo capítulo desta dissertação foi dedicado ao posicionamento de Freud frente à ciência. O terceiro será dedicado a Lacan . Isto porque sua contribuição enfatizou que o sujeito da psicanálise é excluído da ciência. É um encaminhamento que não foi encontrado em Freud, mas que pode ser pensado a partir dele.

O afastamento do sujeito para fora do campo da ciência será desenvolvido por Lacan. Ele interpreta a ciência buscando uma regra universalmente transmissível, sem evocar o singular do cientista. Enquanto a psicanálise está inteiramente vinculada à experiência de cada um.

3.2 - LACAN E A CIÊNCIA MODERNA

Considera-se que o texto "Ciência e Verdade" (Lacan, 1966) representa a concepção lacaniana da ciência moderna. Melhor dizendo, naquele texto ele elabora questões que a psicanálise pode suscitar para a ciência.

Na ciência a verdade é comprovável, refere-se a um fato, havendo uma correspondência entre uma afirmação e a realidade - o fenômeno. Na psicanálise a verdade não corresponde a um fato e sim a uma criação de sentido. Este surge num momento, pela retroação significativa.

Esta teorização surgiu após uma transição interna no pensamento de Lacan, que partindo da ênfase do simbólico - onde o Outro é capaz de responder ao sujeito - chega até ao puro significante. Os textos fundamentais que representam estes dois momentos são: "Função e campo da fala e da linguagem no inconsciente freudiano" (Lacan, 1978) e "Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (Lacan, 1978) onde precisamente o sujeito é reduzido a simples efeito do jogo significante.

Antes do texto "Ciência e Verdade" (Lacan, 1966), entretanto, houve vários outros em que Lacan pergunta-se sobre ciência. Porém, são referências mais passageiras, não constituindo uma teoria própria.

O "Seminário 1 - Os escritos técnicos de Freud" (Lacan, 1953-54, pp.224-5) tem apenas uma referência ao sujeito na ciência. Nota-se que ele diz sujeito na ciência e não sujeito da ciência. Isto faz uma diferença, inclusive porque o

sujeito na ciência é o cientista, o que é diferente de sua teorização posterior onde o sujeito da ciência é o sujeito suposto saber.

No "Seminário 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise" (Lacan, 1954-55, p.83) há uma referência ao primeiro e ao segundo princípios da termodinâmica, fazendo um contraponto entre o segundo princípio da termodinâmica e o "além do princípio do prazer" , já que este último não funciona como tendência à homeostase.

No "Seminário 7 - A ética da psicanálise" Lacan (1959-60, p.260) enfatiza ainda mais essa diferença pois, coloca a pulsão de morte como potência criadora. Afirma também (Lacan, 1959-60, p.153) que a ciência moderna acredita no progresso da eficácia da apreensão simbólica, onde o saber pode esgotar o real. Deixa seu jogo aos significantes, suas leis indo em direção a uma coerência cada vez maior.

O desenvolvimento que faz Lacan sobre esse tema é bem retratado no texto de J. A. Miller (1988) que diz:

"(...) a ciência supõe que no mundo existem significantes que já não querem dizer nada para ninguém. Podemos encontrar no mundo significantes que se organizam, significantes que respondem a leis, mas esses significantes não estão relacionados com um sujeito que se expressaria por seu intermédio. Essa é uma idéia muito moderna e científica: o significante sem intenção. A matematização da física responde a isso. A isso também responde a invenção freudiana do inconsciente. Há significante independente do sujeito. Há significante organizado segundo leis autônomas que funcionam independentemente da consciência que o sujeito possa ter dele ou da expressão; é o sujeito, justamente, que é um

efeito do funcionamento das leis significantes. Por isso Lacan diz, e afinal a história parece confirmá-lo, que a psicanálise não era possível antes do advento do discurso da ciência." (Miller, 1988, p.46)

Foi pela via da linguagem que Lacan começou a releitura das descobertas de Freud, afirmando que este modificou a relação do homem com o significante. É como ele diz no seu texto:

"o efeito de linguagem, é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é causa de si próprio (...) pois sua causa, é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real" (Lacan, 1960a, p. 319).

O sujeito não é causa de si próprio e sim ele é causado pelo significante.

Na citação transcrita acima há uma junção de causa e razão. Como se Lacan estivesse apontando que a causa freudiana fosse essa razão. No decorrer de seus trabalhos, porém, ele situa em campos heterogêneos causa e razão. Há uma nova formulação e revisão de causalidade: a noção de um objeto inatingível e causa de desejo. Então a causa do sujeito está fora da razão, ela é mais do que um desconhecimento temporário, é impossível de ser conhecida.

Faz-se necessário aqui uma pergunta. Por que Lacan desenvolve uma teoria sobre a ciência? A resposta poderá ser encontrada no "Seminário 11" (Lacan, 1964, p.144). Para ele é a própria ciência que cria "a coisa" na medida em que separa conceito de realidade. O ideal da ciência será agora fazer com que o conceito abarque toda a realidade, mas este é um

ideal inatingível porque há sempre algo que escapa a esta tentativa. Isto que escapa é justamente "a coisa".

A ciência depara-se com a não existência de "tropismo" sexual natural no homem. Ela é confrontada com a não decorrência natural entre sujeito e objeto, já que o objeto além de construído (é de conceito que se trata) é inatingível. Não querendo se dar conta da inatingibilidade do objeto, a ciência apresenta-se como uma simples técnica sexual. Esta afirmação pode ser feita na medida em que sabemos que a ciência quer sempre fazer com que o conceito equivalha ao elemento real, ou seja, ela se coloca como um saber fechado.

Quando Lacan refere-se à construção do objeto na ciência, ele está apoiado em Koyré e seu conceito de sucessão e ruptura. Ele foi bastante influenciado por este autor, como demonstra no "Seminário 4 - As relações de objeto":

"(...) para empregar ainda um termo de Koyré - com esta revolução que constitui para aquilo que é da matematização do real, o fato que a partir de um certo momento resolve-se purificar radicalmente o método, ou seja, por a experiência à prova de termos, de maneiras, de posições do problema que partem claramente do impossível" (Lacan, 1956-57, p.244)

O que pode ser entendido desta referência feita por Lacan a Koyré? Quanto à "matematização do real" entende-se ser tendência da ciência moderna o querer dar conta do real através da linguagem matemática.

Quanto ao que é mencionado sobre os problemas que "partem claramente do impossível", compreende-se ser característica

desta ciência a tendência a contradizer a experiência comum.

Koyré (1991) diz na "*História do Pensamento Científico*" que são dois os elementos que caracterizam a ciência moderna: a matematização e a experimentação.

A matematização constrói redes sistemáticas de elementos desprovidos de significação. Os valores imaginários atribuído aos movimentos dos astros são, por exemplo, substituíveis pelas equações da teoria da gravidade. Esta é uma diferença entre conhecimento comum e conhecimento científico: o primeiro supõe uma co-naturalidade entre sujeito e objeto, uma harmonia preestabelecida entre os dois. A ciência distingue-se do conhecimento comum, mesmo que seja só por construir seu objeto, utilizando-se fortemente da abstração(1).

Koyré afirma também que existe entre a episteme antiga e a ciência moderna uma divisão. Assinala que o princípio de inércia (um corpo permanecerá por si só em estado de repouso ou de movimento uniforme até que alguma força externa interfira), assim como outras noções básicas da física moderna, não tem como ponto de partida a experiência imediata do senso comum. Eles estão é relacionados com uma estrutura conceitual que foi desenvolvida a partir de Galileu, que é a de submeter os fenômenos à matemática chegando à abstração. Pode-se dizer, então, que a ciência moderna nasce com Galileu, instrumenta-se com Descartes e formaliza-se com Newton.

As teorias, modernamente, não se submetem à percepção do senso comum. Na ciência moderna é permitida a elaboração de teorias até mesmo contrárias à experiência cotidiana. Esta

ciência como já foi dito, combina o empírico e o recurso à matemática.

Um ponto importante para esta compreensão de ciência, é que ela tem uma estrutura que é invariante, mas também tem o percurso das variações, que é a conjuntura.

É por isto que a compreensão da história da ciência pode ser feita por períodos no tempo. Mas o percurso das variações não é suficiente para aquilo que Lacan entendia por ciência. Ele enfatizava e priorizava o específico e o que persiste no discurso científico em detrimento de períodos históricos. Propõe uma conceitualização muito bem delineada para o que denominou de "discurso científico".

O "Seminário 17 - O Averso da Psicanálise" (Lacan, 1969-70) introduz a formalização dos quatro discursos. Ele define o discurso como laço social, e aproxima o discurso da ciência ao discurso do mestre. Sua formalização supõe sempre que há quatro elementos em quatro posições diferentes. Os quatro lugares são:

agente/verdade outro/produção

Os quatro elementos que ocupam as diferentes posições resultando nos quatro discursos, são:

S1 - significante mestre que define a singularidade do sujeito,

S2 - conjunto dos significantes que define o saber do inconsciente,

"a" - objeto que se contrapondo ao sujeito, marca o lugar da causação do sujeito a partir do real,

§ - sujeito barrado pelo significante ou sujeito do

inconsciente.

São quatro elementos que ocupam quatro posições diferentes, definindo os quatro discursos (universitário, mestre, histórica, analista).

De acordo com Lacan pode-se aproximar a ciência do discurso do mestre e a psicanálise do discurso do analista.

O discurso do mestre (S1/\$ S2/a) é agenciado por S1 e se endereça ao saber (S2). Tem como produção o objeto e como verdade um sujeito recalcado.

O discurso do analista (a/S2 \$/S1) é agenciado pelo objeto causa de desejo e endereçado a um sujeito cujo desejo trata-se de causar. Tem como produção os significantes-mestres da determinação inconsciente do sujeito, e como verdade, neste caso do analista, o saber analítico (S2).

O agente (S1) do discurso científico pode ser compreendido como uma questão fundamental de pesquisa, por exemplo. Esta questão fundamental é dirigida a um saber teórico aqui representado por S2. O objeto que está no lugar da produção pode ser comparado aos objetos de ciência. Como verdade recalcada do discurso da ciência figura o sujeito.

Quanto à psicanálise, o seu discurso é agenciado pelo objeto na função de causa de desejo. Este agente-causa endereça-se a um sujeito. Vai nesta direção para produzir os significantes-mestres que determinam o sujeito e tem como lugar da verdade o saber analítico (S2).

Pode-se tirar daí várias conclusões, como por exemplo, o fato de que recalcando o sujeito, a ciência exclui a fantasia - o seu ideal é o de controlar todas as variáveis

que podem interferir num experimento, como por exemplo a parcialidade do cientista.

A fantasia, por sua vez, tem um lugar de destaque no discurso analítico. Ela atua entre o trauma e o sintoma, é a atividade por excelência do sujeito e material de trabalho da clínica psicanalítica.

O texto de Lacan denominado "A terceira" (Lacan, 1974a) expõe o problema da ciência e o possível fim da psicanálise. Pela ciência acredita-se que o objeto demandado pode ser inventado pelos tecnólogos. Alteram-se os ideais de nossa cultura, na instrumentalização da condição humana. O discurso da ciência não leva em conta o desejo do sujeito já que seu impulso é o de fazer, sem se impor problemas éticos ou sem incluir a dúvida.

Faz parte também de seu ponto de vista que a ciência se interesse apenas pelas leis que regem um fenômeno. Ela não quer saber da causa tal como a psicanálise a apresenta; causa esta que está fora da estrutura e que no sentido da psicanálise é causa de desejo.

NOTA:

(1) Aqui só um parêntese: é interessante notar, entretanto, a persistência dos valores imaginários na escolha dos nomes dos planetas. Estes nomes estão sempre ligados a divindades imaginárias, por exemplo, Vênus, Netuno, Plutão,...

3.3 - O COGITO CARTESIANO E O SUJEITO DA PSICANÁLISE

Foi Descartes quem formulou os princípios da ciência moderna que surgia no Século XVII, com seu sonho de reduzir a ciência à matemática. Mas, mesmo assim, pode causar surpresa a inclusão do precursor do pensamento moderno, pensamento este que coloca em primeiro plano a idéia do homem como consciência, neste item. Afinal, não se trata aqui do sujeito do inconsciente, que é o específico da psicanálise? Paradoxalmente, foi partindo de Descartes que Lacan começou sua teorização sobre o sujeito da ciência e conseqüentemente o sujeito da psicanálise:

"É importante primeiro (...) o fato precisamente que sua práxis não implica outro sujeito que o da ciência" (Lacan, 1966, a tradução é nossa)

Em Lacan encontra-se os possíveis cruzamentos e distâncias entre Descartes, o filósofo fundador do pensamento moderno, e a psicanálise, esta forma especial de produção do pensamento contemporâneo.

Lacan ao longo de sua obra, fez articulações possíveis entre Descartes e Freud, permitindo assim um entrelaçamento destes pensadores. Seguindo-se os textos lacanianos mais conhecidos, constata-se que há diversos níveis de interpretação desta articulação.

No texto "*O estágio do espelho como formador da função do eu tal como ele é revelado na experiência psicanalítica*"

(Lacan, 1949), Lacan rejeita o sujeito absoluto, reflexivo, transparente a si mesmo, derivado de Descartes:

"experiência da qual é preciso dizer que ela nos opõe a toda filosofia saída diretamente do *Cogito*".

(Lacan, 1949)

Há situações, porém, em que ele propõe um verdadeiro "retorno a Descartes", retirando deste reflexões bastante interessantes e diferentes do que tradicionalmente se conhece como cartesianas. Tem-se o exemplo da *"Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud"* (Lacan, 1957), de onde deriva o seu próprio cogito: "penso onde não sou, portanto sou onde não penso".

Lacan afirma no texto *"Posição do inconsciente no congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964"* (Lacan, 1960a, p. 324) que o "sujeito cartesiano é o pressuposto do inconsciente". O que quis dizer com isso?

Primeiramente, considera-se que foi em Descartes que se organiza o ponto de partida da reflexão filosófica sobre a subjetividade foi organizado. Ele vinha de uma tradição do século XVI, época do ceticismo, quando foi perdida a "unidade da fé" pois, começou-se a questionar sobre a submissão à natureza. Foram marcos daquela época o surgimento do protestantismo, a queda da física de Aristóteles e o surgimento da física matemática de Galileu. Descartes buscou um ponto de basta nessa cadeia de ceticismo, com a busca da "certeza".

O primeiro passo de Descartes foi colocar tudo em dúvida. Esta é elevada a uma posição muito especial e transformada

em método. A única coisa que não se pode negar é que se duvida - e, portanto, que se pensa. Penso, logo existo. Então, duvidar é pensar e pensar é ser.

Considera-se que a ordem cartesiana segue uma lógica rigorosa:

"duvido, sei que duvido e, por consequência, penso e existo, sei que Deus é, e que não pode enganar, e que portanto posso fundamentar uma ciência do mundo nas idéias claras e, por fim, retirar dessa ciência as aplicações técnicas que me tornarão senhor da natureza." (Alquié, 1986)

Pode-se conceber a análise cartesiana em três aspectos: primeiro, o ato de pensar, segue-se a ele a certeza da existência do sujeito no ato do pensamento e, finalmente, a determinação desse ser como pensar - sou uma coisa que pensa.

Para Lacan, porém, há uma ruptura entre ser e pensar. E esta ruptura é condição para o surgimento do conceito Freudiano de Inconsciente. É daí que vem a diferenciação entre sujeito e eu. Se Descartes faz equivaler duvidar - pensar - ser, fazendo com que haja um único eu, Freud os separa.

Na psicanálise, do "penso" não se pode tirar o "sou". Não se pode dizer que por pensar, eu seja. Se "eu penso", eu apenas penso, dele não se deriva o ser.

Decorrente disto, no texto "*Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*" (1957) Lacan afirma seu próprio *cogito*, mais específico da psicanálise: "penso onde não sou, sou onde não penso". O pensamento é entendido aí como pensamento inconsciente, não se devendo esquecer que o

inconsciente é entendido como articulado como uma linguagem.

Diante desse intervalo entre esse eu que pensa e esse eu que é, aparece uma questão fundamental em relação ao sujeito: o que o sujeito é para além da articulação significativa? Pois se é verdade que ele é efeito dessa articulação, o que o causa, enfim?

Em Descartes o que causa o eu é Deus. Afinal, Deus é substância onisciente e onipotente. Todas as idéias podem ser produzidas pelo sujeito, menos a idéia de Deus. Esta independe do sujeito. É Deus que causa o sujeito, já que este é finito e contingente. Só Deus é pleno.

Lacan fará uma aproximação entre o Deus de Descartes e aquilo que causa o sujeito. Mas, como já foi mencionado no nosso item denominado "Lacan e a ciência moderna", ao longo da sua obra Lacan vai rever sua posição sobre a causa do sujeito chegando à postulação do objeto "a", causa de desejo. Se no texto "Posição do Inconsciênte" (p. 319) a causa está associada ao significante, posteriormente ele formulará a noção de objeto "a".

O importante é salientar que, em psicanálise, saber e verdade são distintos. É o que Lacan vai apontar em "*Ciência e Verdade*" (Lacan, 1966). O problema é que a ciência moderna é uma tentativa de juntar saber e verdade, ou seja, pretende um saber que esgote toda a verdade. Porém há algo que sempre escapa ao saber.

Se a psicanálise só foi possível com o advento da ciência moderna, visto que o inconsciente foi estabelecido com leis próprias e autônomas, também é verdade que "algo"

permanentemente escapa a essas leis. E é aí que surge a possibilidade de um sujeito que não seja inteiramente calculável, recoberto pelo saber.

Pode-se dizer que a psicanálise convida o sujeito a se engajar na ciência moderna. Mas ela é um processo que também o inaugurou, ao permitir um sujeito pensante. Então, no mesmo momento que inaugurou o sujeito, a ciência moderna também o excluiu já que não quer saber de que algo sempre escapa a ela.

Resumindo: o sujeito do inconsciente, no sentido de Lacan, é o sujeito do significante, quer dizer, o sujeito da ciência, só que recuperado na psicanálise, como um sujeito que também fala.

As idéias de Lacan relativas à Descartes são encontradas no "Seminário 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", um sintetizador dessas idéias.

Com o propósito de poder se referir ao "sujeito do inconsciente" sem fazer do inconsciente uma substância, Lacan, naquele texto, enfatiza que o encaminhamento de Freud é cartesiano apenas no sentido de que busca a certeza, tendo a dúvida como seu apoio. Assim como Descartes diz "estou seguro, porque duvido, de que penso"; Freud onde duvida (por exemplo do seu sonho) está seguro de que um pensamento está lá. O inconsciente poderia dizer quem sou, ou melhor, posso pensar no que sou ao nível do inconsciente.

Se na consciência sou apenas um brinquedo, no inconsciente posso perguntar o que sou como ser pensante. É o que Lacan escreve na "Instância da letra ou a razão desde Freud":

"eu não sou, lá onde sou o brinquedo de meu pensamento; eu penso no que sou, lá onde eu não penso pensar." (Lacan, 1957, p.248).

Freud enfatiza sua certeza no inconsciente que pensa, entendendo este como constelação de significantes. É importante ressaltar aqui que este ponto de convergência (da dúvida para a certeza) também revela a dissimetria entre Freud e Descartes.

Freud refere-se a um pensamento inconsciente que, segundo Lacan, é um pensamento ausente, posto que se encontra nos intervalos do discurso e inapto para constituir a identidade do sujeito consigo próprio. Assim, tem-se uma mudança de lugar do sujeito e, conseqüentemente, uma incapacidade deste de se identificar consigo próprio (já que o inconsciente enquanto escansão de significante, faz faltar sempre um significante capaz de identificar todo o sujeito).

Outra questão importante ao fazer uma comparação entre Freud e Descartes é a existência de Deus.

Descartes, derivando o "eu sou" do "eu penso", assegura-se de um Deus onisciente e onipotente. Todas as idéias são criadas pelo sujeito, menos a idéia de Deus. Este é condição *sine qua non* da existência da própria dúvida - e sabe-se que da dúvida obtém-se o "eu penso". É assim que pode-se sustentar que o *cogito* cartesiano começa em uma exterioridade: existe o outro.

Lacan fará uma analogia entre o Deus da filosofia cartesiana e o Outro da psicanálise. Esta analogia refere-se principalmente à alienação do sujeito, onde ele se constata perdido no Outro que o constitui.

capaz de identificar todo o sujeito).

Outra questão importante ao fazer uma comparação entre Freud a Descartes é a existência de Deus.

Descartes, derivando o "eu sou" do "eu penso", assegura-se de um Deus onisciente e onipotente. Todas as idéias são criadas pelo sujeito, menos a idéia de Deus. Este é condição *sine qua non* da existência da própria dúvida - e sabe-se que da dúvida obtém-se o "eu penso". É assim que pode-se sustentar que o *cogito* cartesiano começa em uma exterioridade: existe o outro.

Lacan fará uma analogia entre o Deus da filosofia cartesiana e o Outro da psicanálise. Esta analogia refere-se principalmente à alienação do sujeito, onde ele se constata perdido no Outro que o constitui.

O ponto onde os dois divergem está no fato de que o Outro lacaniano é incompleto e falta nele um significante capaz de identificar o sujeito. Contrariamente a isto, a concepção cartesiana é a de um Deus completo e por isso perfeito, assegurador das verdades eternas, e da possibilidade deste sujeito se identificar consigo.

3.4 - ESTRUTURA E SUJEITO

Julga-se necessário aqui situar algumas reflexões sobre a questão da estrutura, naquilo que diz respeito ao tema do sujeito.

Ao assumir em sua teorização a noção de estrutura, Lacan correu o risco estruturalista, que é o de refutar o sujeito de suas considerações. Como se referiu Foucault a Lacan em "La Quinzene Littéraire":

"A importância de Lacan está em que ele mostrou como, através do discurso do doente e dos sintomas da sua neurose, são as estruturas, o próprio sistema da linguagem - e não o sujeito - que falamos. Antes de toda existência humana, antes de todo pensamento humano, haveria já um saber, um sistema que nós redescobrimos (...) Que é esse sistema anônimo sem sujeito, que é que ele pensa? O "sujeito" explodiu". (Foucault, 1966, p.31)

No pensamento de Lacan, todavia, o que "explodiu" não foi o sujeito, mas um determinado modo de pensá-lo (sujeito no sentido corrente, "popular e metafísico"). É como Lacan vai responder a Foucault após a conferência deste, na Sociedade Francesa de Filosofia (22/02/1969) denominada "Qu'est-ce qu'un auteur?":

"Gostaria de observar que, estruturalismo ou não, não se trata absolutamente, no campo vagamente determinado por esta etiqueta, da

negação do sujeito. Trata-se da dependência do sujeito, o que é extremamente diferente; e particularmente ao nível do retorno a Freud, da dependência do sujeito com referência a alguma coisa de verdadeiramente elementar, e que tentamos isolar sob o termo 'significante'." (apud Olgivie, 1991, p.46)

Em Lacan não há a "negação" do sujeito e sim a "dependência" do sujeito ao significante. O que ocorre com aquele sujeito é um desconhecimento constitutivo, por conta de sua dependência deste.

O campo em que ele começa a trabalhar o sujeito é o da lingüística especificamente influenciado por Saussure, libertando assim a concepção de um sujeito que possa ter uma "subjetividade original", motora e autônoma. Porém deixa em suspense a possibilidade de uma subjetividade produzida e dependente. Onde estão a liberdade, a mudança e o tempo do sujeito? Diferentemente dos estruturalistas, que concebem como incompatíveis estrutura e sujeito, na psicanálise os dois temas se entrecruzam.

Se o estruturalismo tem como meta a exclusão do sujeito do centro da estrutura, a ciência moderna também a tem. Só que a realidade de nosso mundo vem mostrar o quanto é perigosa essa exclusão. É o que pode ser percebido nos esforços dos cientistas contemporâneos em juntar um mundo exterior autônomo e um mundo interior de liberdade e de responsabilidade. Atualmente, as imagens desses dois mundos estão sendo cada vez mais aproximadas, ao invés de separadas.

A consequência deste fato é que é vã a procura de uma definição abstrata, não contextualizada, da diferença entre

ciência e não ciência. Essa atividade é essencialmente coletiva e inserida no tempo. Ao contrário de ser uma atividade "desinteressada", ela é movida por interesse. Fazer e falar de ciência é se engajar. Este ponto de vista parece atualmente cada vez mais frequente nos meios científicos, como afirma Stengers (1989).

Outra possibilidade de fazer essa junção é a que está no próprio livro de Prigogine já tratado no item 1.1. Ele propõe o estabelecimento de uma "nova aliança" entre a razão científica e a filosofia.

"Advogamos que o caráter essencialmente aberto da ciência seja reconhecido, e que, em particular, a fecundidade das comunicações entre indagações filosóficas e científicas deixe de ser prejudicada por separações ou destruídas por enfrentamentos". (Prigogine & Stengers, 1991)

Eles ainda afirmam que "a ciência nos dá acesso aos mistérios do universo". O papel da filosofia consiste em ajudar o ser humano a "encher as lacunas básicas" de seus conhecimentos. E mais ainda, supõem que "a riqueza da realidade (...) ultrapassa toda linguagem possível, toda estrutura lógica". (Prigogine & Stengers, 1991)

Com relação à ciência, tem um exemplo que pode ilustrar essa junção de um mundo exterior e um mundo interior de liberdade e de responsabilidade. Conta-se que o físico Enrico Fermi, ao refugiar-se nos E.U.A, para ajudá-los na resolução de alguns problemas muito complexos da física, subitamente compreendeu que havia contribuído para a criação da bomba

atômica. Convidado a assistir à explosão da primeira bomba atômica no deserto do Novo México, previu sua responsabilidade nos futuros dramas concretizados em Hiroxima e Nagasaki. Ele, então, caiu numa depressão mental, culpando a si mesmo pelas atrocidades futuras.

Compreende-se com esse exemplo que nem sempre é melhor tomar o sujeito da ciência pelo sujeito da responsabilidade. Mas é exatamente este último que a psicanálise vem ressaltar. Sem implicar o sujeito no drama do qual ele se queixa, nenhuma análise é possível.

Se o inconsciente, enquanto estrutura, implica numa sujeição, isto é, num quase anonimato, a prática analítica vai interrogar o sujeito em sua responsabilidade, em sua escolha de neurose, onde este tem uma certa margem de jogo em relação ao significante.

Para a psicanálise, constitucionalmente, somos alienados pelo Outro, somos sujeitados. Mas não é só este o processo da constituição do sujeito. Ele implica numa separação, onde o sujeito interroga o Outro, no intervalo dos significantes, mostrando que ao Outro também falta. O Outro não é completo, há uma denúncia de falta. E é no processo de separação que o sujeito, na fantasia, se oferece como objeto que falta ao Outro. Tem-se assim a única atividade possível ao sujeito, além de sua submissão, que é sua fantasia, onde o seu destino é anunciado. Observa-se assim como a clínica faz a psicanálise romper com uma noção clássica de estrutura.

CAPÍTULO IV

O OBJETO NA CIÊNCIA E NA PSICANÁLISE

4.1 - INTRODUÇÃO

Após esses dois primeiros capítulos, onde estudou-se as relações entre ciência e psicanálise em Freud e Lacan, dando ênfase à questão do sujeito, esta dissertação agora vai ater-se ao problema do objeto da ciência.

Este foi um tema que Lacan abordou em vários momentos. No início do "*Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*" (Lacan, 1964), por exemplo, Lacan perguntou-se como ficaria a psicanálise frente à ciência, já que a particularidade desta última é ter um objeto junto a uma experiência, entendida como o campo de uma práxis.

No texto acima mencionado, afirma ainda a particularidade do "campo psicanalítico". Seu objeto é de uma outra ordem e sua experiência implica o desejo do analista. Enquanto que ninguém interroga (salvo em momentos de crise) sobre o desejo do físico. São desencadeamentos possíveis da relação entre ciência e psicanálise.

Este capítulo, especificamente, enfocará a noção de "*das Ding*" (a coisa) no "*Projeto para uma psicologia científica*" (Freud, 1895) e a releitura que dele fez Lacan. Este é um ponto que passa muitas vezes despercebido por aqueles que se voltam sobre este texto, apenas considerando ser ele o mais "científico" dos textos freudianos, colocando-o à distância

da psicanálise.

Naquele texto o sistema psíquico apresenta-se autônomo, comparável a uma máquina. Talvez por isso a utilização de termos da física. Entretanto, enfatizar aqui a noção de "*das Ding*" torna-se algo de suma importância. É a prioridade dada a este objeto, e não a sua exclusão, que fundamenta o desacordo da psicanálise com o discurso da ciência. Foi nesse caminho que Lacan fez sua leitura da psicanálise, diferenciando-a da ciência.

O objeto para a psicanálise é aquele que faz sofrer (produz aversão, dor, ...), mas instiga, age. É causa. Para a ciência, pelo contrário, o objeto é apenas construído. Por isto a exclusão de um objeto entendido como causa de desejo.

Neste sentido pode-se dizer que na ciência trata-se de *objetividade*, enquanto na psicanálise trata-se de *objetividade*. Esta é uma colocação encontrada no "*Seminário 10 - A angústia*" (Lacan, 1962-63). O primeiro refere-se a um sujeito que constrói, com suas categorias, o objeto. Já a *objetividade* é o "*correlat dans le phatos de coupure*" (Lacan, 1962-63, p.233). Com esta citação quer-se dizer que o sujeito e o objeto são instaurados por um corte (*coupure*) que provoca a "*paixão de que se sofre*" (*phatos*) e que leva à procura permanente deste objeto.

"*Das Ding*" no "*Projeto*" de Freud serviu de início para o desenvolvimento que fez Lacan sobre o objeto da psicanálise. Buscando uma maior sistematização, o texto "*Projeto para uma psicologia científica*" será analisado em sua totalidade no item que se segue.

4.2 - DAS DING NO "PROJETO..."

À primeira vista, a finalidade de Freud naquele texto foi fazer uma psicologia nos moldes da ciência natural (Freud, 1895, p.315). Seu propósito foi o de "representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco" (Freud, 1895, p.395). Explicando melhor, sua postura revelou uma abordagem quantitativa dos fenômenos psíquicos.

Isto não era novidade para a psicofísica da época. Mas, alguns pontos em Freud foram inovações, não possibilitando aos seus leitores um perfeito encaixe entre o discurso freudiano e os princípios da física de sua época. Essas inovações ficaram ainda mais claras no decorrer de sua obra, quando buscou o "sentido" dos "fatos-psicológicos".

No primeiro parágrafo do "Projeto...", Freud (1895) sugeriu uma aproximação com a mecânica. Isto quando apontou duas idéias principais do texto que são:

1) "Aquilo que distingue a atividade do repouso deve ser considerado como Q(quantidade), sujeita às leis gerais do movimento". (Freud, 1895)

2) "Os neurônios devem ser encarados como partículas materiais". (Freud, 1895)

A concepção do aparelho neuronal é singular e não se adequa totalmente ao sistema nervoso tal como entendido pelos neurologistas. Pode-se apenas constatar a existência de

semelhanças com a termodinâmica na medida em que os neurônios (suporte material e constituinte do psiquismo) são condutores de energia, fazendo parte deste aparelho a condição de transmitir e de transformar a mesma.

Neste sentido, o texto de Freud aproxima-se mais da termodinâmica do que da mecânica já que refere-se a "processos". Este termo ganha sentido na termodinâmica já que na mecânica clássica a força é pontual (exemplo da bola de bilhar onde a força é aplicada a um ponto determinado), jamais processual. A palavra chave em Freud é energia (termodinâmica) onde há troca, armazenamento, transformação.

Quanto à quantidade (Q), esta é a energia que circula pelos neurônios, sendo capaz de deslocamento e de descarga (os neurônios tendem a se desfazer de Q). Freud refere-se tanto a Q - quantidade que tem origem em estímulos externos - quanto a Q_n - proveniente de estímulos endógenos.

Vale ressaltar que ele não identifica, em nenhum momento, Q como "energia psíquica", referindo-se mais comumente a ela como "excitação neuronal" (p.396). Isto revela indícios de que em seu trabalho o que ele estava afirmando não se reduzia à quantidade ou à energia segundo a termodinâmica. Pelo contrário, "excitação" pode ser ligada a aspectos sensíveis da percepção, o que não é levado em consideração pela termodinâmica.

Levando-se em conta que o sistema nervoso tem memória, Freud referiu-se aos neurônios permeáveis como aqueles que permitem a passagem de Q_n sem barreiras de contato. Depois de cada passagem de excitação os neurônios permeáveis

permanecem no mesmo estado anterior. E aos neurônios impermeáveis, como aqueles que por terem barreiras de contato possibilitam a representação da memória. Chamará os neurônios permeáveis de sistema Phi que são atingidos pelos estímulos externos. Os neurônios impermeáveis são chamados de sistema Psi e são atingidos pelos estímulos internos.

O segundo sistema é capaz de conduzir quantidade através de facilitações ou trilhamentos (*Bahnung*) (1) existentes entre esses neurônios. Pode-se dizer que essas facilitações nas barreiras de contato diminuem a resistência à passagem da energia e que cada trilha é facilitadora de um percurso. Portanto, no sistema Psi não se tem apenas a quantidade (Q), mas também o trilhamento.

Freud afirma que a tendência fundamental do sistema nervoso é manter a quantidade reduzida a zero, sendo a dor o fracasso dessa tendência. Isto é interessante quando o objeto da psicanálise é pensado como aquele que produz dor e por isto incomoda, gera mudança, movimento.

O desprazer é identificado com o aumento do estímulo, enquanto que o prazer resulta de sua diminuição. Há quase uma identificação do princípio de inércia com o princípio de prazer:

"já que temos um certo conhecimento de uma tendência da vida psíquica no sentido de evitar o desprazer, ficamos tentados a identificá-la com a tendência primária à inércia." (Freud, 1895, p.415)

Freud supõe um terceiro sistema de neurônios (ômega - w) onde poderão ser encontrados os estados de excitação produzindo as diversas qualidades. Afirma que estas seriam as "sensações conscientes". Este sistema é responsável pela percepção, e não pela memória, que é atributo do sistema Psi.

Posteriormente Freud ligará os três sistemas. Do exterior incidem cargas de excitação sobre as extremidades do sistema Phi. Esses estímulos se propagam por Phi, através de Psi até w, onde então a sensação será produzida.

O modo de funcionamento do sistema w permite transformar quantidade em qualidade. Isto é importante que aconteça para que o ego (que está em Psi, especificamente Psi-nucleares) possa diferenciar o objeto real do objeto alucinado.

O sistema Psi recebe tanto catexia - ou investimento - do sistema Phi como catexia do interior do corpo. Assim Freud divide os neurônios Psi em dois grupos: psi-pallium (a partir do sistema Phi) e psi-nucleares (a partir das vias endógenas).

Ao referir-se aos estímulos recebidos por psi-nucleares, ele diz que estes estímulos mantêm características de permeabilidade e de impermeabilidade. Isto é contrário à sua anterior definição que só se referia à impermeabilidade.

"O enchimento de quantidade intercelular entre os neurônios nucleares em Psi tem como resultado uma propensão à descarga que se libera pela via motora" (p. 421). Tem-se como exemplo o choro do bebê. A experiência de satisfação é a totalidade do processo de eliminação do estímulo endógeno.

Não é possível o alívio total da tensão. Obtem-se apenas o alívio parcial desta através da ação específica. A ação

específica só possibilita um alívio parcial porque é mediada e indireta, contrária à alucinação que é imediata.

Como fica, entretanto, o bebê na ação específica? Ele precisa de um outro para aliviar sua tensão. Para o recém-nascido a experiência de satisfação depende da mãe, por exemplo. E é isto que a psicanálise vem trazer de novidade: há uma mediação e um desencontro permanente por causa desta. O objeto oferecido nunca é o pedido.

O que acontece, então, na experiência de satisfação:

1ª) o impulso que havia produzido desprazer em w é eliminado pela descarga motora;

2ª) surge no Psi-pallium o investimento de um conjunto de neurônios que corresponde à percepção do objeto que proporcionou a satisfação;

3ª) em Psi-pallium chegam notícias da descarga decorrente da ação específica. O que vai acontecer agora é que quando o estado de necessidade se repetir, um impulso psíquico procurará reinvestir a imagem mnêmica do objeto, a fim de que seja reproduzida a satisfação original. Estabelece-se então uma via de facilitação.

Freud continua o texto enfocando agora a experiência de dor. Esta liga-se a uma irrupção de grandes quantidades (Q) no aparelho Psi. Pode-se compreender através de seu texto que não há organização psíquica sem um começo de dor. As vias de facilitação para se achar um objeto que permita este alívio, formam-se visando uma economia do aparelho psíquico. Economia que se dá quando se acha um objeto para aliviar a tensão. A dor, quando intensa, é exatamente o que desorganiza

essa economia.

Em seguida Freud introduzirá a noção de ego (organização estabelecida em Psi). As facilitações entre os neurônios Psi fazem parte do domínio do ego. Suas funções são inibir a descarga de Qn, quando da ausência do objeto, e também, posteriormente, repetir as experiências anteriores em busca do objeto de satisfação primeira. A possibilidade de inibição da descarga pelo ego é devida aos signos de realidade provenientes do sistema w. Esta função de inibição dos processos psíquicos primários dá lugar aos processos psíquicos secundários.

É no item denominado "Cognição e Pensamento Reprodutivo" que são encontradas referências a *das Ding*. Freud começa esse item dizendo que "a inibição por parte do ego produz a catexia moderada do objeto desejado, que permite reconhecê-lo como não real" (Freud, 1895). Supõe três hipóteses nas quais estão concomitantemente presentes a representação-lembrança decorrente da catexia de desejo, e a representação-percepção decorrente do objeto externo.

Na primeira hipótese a "catexia de desejo da imagem mnêmica coincide com a percepção"; na segunda hipótese a catexia de desejo não combina por completo com a percepção e, na terceira, a representação-lembrança e a representação-percepção, decorrentes do objeto externo, não coincidem em nada.

A primeira hipótese é um caso limite que dificilmente ocorre. O segundo caso é mais comum e, havendo apenas semelhança e não identidade, há uma suspensão da ação,

inibindo-se a descarga, por parte do eu. Inicia-se, porque há dessemelhança que provoca a inibição por parte do eu, um processo de pensamento visando o reconhecimento do objeto para poder se dar a ação específica. A meta de todos os processos de pensamento é produzir um estado de identidade.

Como as catexias perceptivas

"nunca são catexias de neurônios únicos, mas sempre de complexos, (...) a catexia de desejo se relacione aos neurônios a + neurônios b, e a catexia perceptiva se relacione aos neurônios a + c". (Freud, 1895, p.434)

O "neurônio a" é denominado "a coisa" (p. 434) (*das Ding*) e os "neurônios b + c" são denominados os atributos ou predicados (p. 434). O "neurônio a" é o elemento responsável pela semelhança, é a "parte constante e incompleta" (p. 502), mas é também chamado ao longo do "Projeto..." de "não assimilável" (p.481), "resíduos que se esquivaram ao juízo" (Freud, 1895, p.441) (2).

Quanto à terceira hipótese, Freud diz que

"nessas condições surgirá um interesse para conhecer essa imagem perceptiva, de maneira que talvez se consiga encontrar, apesar de tudo, uma via entre ela e a imagem desejada" (Freud, 1895, p.437).

No percurso para descobrir-se os trilhamentos que levem à imagem desejada, a Qn segue semelhanças parciais que possibilitam chegar à identidade procurada e à descarga. É este rastreamento que constitui a atividade judicativa.

O pensar judicativo prepara o caminho para o pensar reprodutor, dando-lhe trilhamentos facilitadores da identidade procurada. (3)

No resto de seu texto, Freud atem-se aos sonhos. Na segunda parte faz uma análise dos processos patológicos, interrompendo provisoriamente sua elaboração metapsicológica. Na terceira parte volta a desenvolver especificamente os processos Psi, detendo-se no pensamento.

A atividade do pensamento surge quando a catexia de desejo e a catexia perceptiva não coincidem. Ele se interromperá justamente quando desejo e percepção coincidem, pois sua finalidade é estabelecer um estado de identidade.

O que é o mais interessante, neste texto, é perceber que apesar do compromisso de Freud com a explicação do aparelho psíquico, quase como uma máquina, ele foi capaz de referir-se a um objeto "não assimilável", em torno do qual se articulam as representações.

Isto abre um novo caminho na contribuição dada pela psicanálise à relação do sujeito com o conhecimento e com a causa deste.

Em relação ao objeto, este é "inassimilável". Em relação à causa, esta surge sempre em correlação com o fato de que alguma coisa é omitida da consideração do conhecimento. Essa "alguma coisa" é precisamente o desejo que o anima. Então a psicanálise diz respeito a um sujeito do desconhecimento que será desenvolvido no item subsequente.

NOTAS:

(1) Na edição brasileira da Standard Edition este termo foi traduzido por "via de condução". Adotou-se, contudo, a tradução da Jorge Zahar Editor do "Seminário 7 - A ética da psicanálise" (Lacan, 1959-60). Neste Seminário optou-se pelo termo "trilhamento" pois, evoca a constituição de uma via de continuidade, uma cadeia.

(2) Desenvolvendo esse "não assimilável" que é "das Ding", Lacan, no "Seminário 7 - A ética da psicanálise" (Lacan, 1959-60), tecerá referências à coisa como objeto estranho, índice de um exterior irrepresentável em torno do qual o sujeito orienta suas representações.

(3) Vale já adiantar que Lacan estabelece uma semelhança entre "Bahnung" (Trilhamento) e a cadeia significante.

4.3 - O "PROJETO..." DE FREUD INTERPRETADO POR LACAN

O alcance prático e ético da metapsicologia freudiana foi abordado por Lacan ao longo de sua obra. Assim a teorização do sujeito tornou-se possível (vide "*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*" (Lacan, 1960b)). Em seu texto ele diz que a psicanálise, na medida em que faz a teoria de sua praxis, deve ter um estatuto científico. Mas seu campo é o único de onde pode-se questionar eficazmente as incapacidades ou cegueiras tanto da ciência como da filosofia. É um texto que, bem ao estilo de Lacan, aproxima a psicanálise da filosofia para depois diferenciá-la dela; bem como, a aproxima da ciência para depois dela diferenciá-la. Isto porque a psicanálise não se reduz completamente a nenhum saber determinado, pois estabelece sua particularidade.

Antes de fazer, especificamente, à releitura da noção de *das Ding*, realizada por Lacan (1959-60) no "Seminário 7", cabe ainda uma análise do texto "*Subversão do sujeito...*" (Lacan, 1960b), que pode encaminhar ao ponto onde se quer chegar.

Neste trabalho, referindo-se particularmente a Hegel, Lacan diz que com o saber absoluto está em questão a astúcia da razão onde "o sujeito desde a origem e até o fim sabe o que quer" (Lacan, 1978, p.285). Em Freud entretanto, há a separação da verdade e do saber posto que aquilo que o sujeito

quer está do lado da verdade e escapa ao seu saber; ou melhor, "um saber que não comporta o menor conhecimento" (Lacan, 1978, p.286).

Em Hegel, há o propósito de juntar verdade e saber num saber absoluto. A ciência moderna, num primeiro momento, também os separa pois, diferencia realidade de conceito. O problema é que a ciência, mesmo separando verdade e saber, acha que é possível juntá-las, pois pretende que o conceito esgote a realidade.

O dramático em Freud é fazer a entrada da verdade no campo da ciência. Verdade esta entendida como aquela que não se pode saber toda. Por isto, o sujeito da psicanálise é aquele que não sabe o que diz, ou melhor, ele diz mais do que sabe. Isto porque o Inconsciente é o "lugar do inter-dito, que é o intra-dito de um entre dois sujeitos" (Lacan, 1978, p.283).

No "Seminário 7" de Lacan, o primeiro momento de subjetivação, através da escolha de neurose, (cf. Lacan, 1959-60, p. 70) está ligado ao posicionamento frente ao objeto perdido. O neurótico obsessivo, por sua vez, relaciona-se com ele com excesso de prazer, enquanto o neurótico histérico relaciona-se com aversão. Para Lacan a novidade do "Projeto..." está exatamente nesta relação, entre a realidade psíquica e *das Ding*.

Quanto ao discurso da ciência, este fica só no nível do fenomênico, e tem como ideal dar conta de toda a realidade. A ciência rejeita a coisa enquanto objeto definido como aquele que nunca se sabe (que escapa ao saber). Ela rejeita *das Ding* por ser fonte de mal estar, na medida em que

representa um fracasso. Faz parte de qualquer experiência científica deparar-se com a impossibilidade de alcançar um saber absoluto. O objeto a que esta dissertação se refere é impossível de ser conhecido, além de ser causa.

Lacan afirma que não se deve reduzir o "Projeto para uma psicologia científica" (Freud, 1895) a um ideal mecanicista já que a noção de *das Ding lá estava*. O que pode ser derivado nesta afirmação? Ele concorda quanto ao aparente ideal mecanicista do texto, contudo, se ficarmos apenas neste nível de argumentação, perde-se o primordial da psicanálise. Acredita-se que é devido ao fato de Freud prender-se a esse ideal, que ele nos deixou aos seus seguidores a tarefa de perceber suas maiores verdades justamente em pontos que não foram muito desenvolvidos.

Lacan negou-se a ver no "Projeto..." uma "pobre contribuiçãozinha a uma fisiologia fantasística" (Lacan, 1959/60, p.50) já que este texto é sobretudo "a primeira contenda de Freud com o próprio phatos da realidade" (Lacan, 1959/60, p.50). "Phatos" entendido, como já foi dito na introdução deste capítulo, como a paixão de que se sofre. Sofre-se permanentemente desse objeto que escapa, e ao mesmo tempo causa.

Sabe-se que sofrimentos e conflitos são fatos da neurose. Pode-se afirmar que na neurose há conflito exatamente porque todos estão a procura deste objeto perdido. Mas só se encontra objetos substitutos. Estar-se assim frente à questão da falta.

O universo da falta nos coloca frente à questão da ética.

O que sustenta a teorização desta ética é uma falta primordial de um objeto, que é inassimilável. A ética em Freud é a referência do Homem ao real pois, põe este frente ao conflito que é derivado da falta de objeto de satisfação. Este universo foi abordado por Freud em "*Totem e tabu*" (Freud, 1913) e "*O mal-estar da civilização*" (Freud, 1939).

No primeiro texto, Freud refere-se ao "mito da horda primeva" e coloca-nos frente à dimensão da ética, quando atribui ao assassinato do pai a origem da cultura. Trata-se de saber como nos responsabilizamos e nos culpabilizamos pelo ato necessário deste assassinato para a civilização. Freud demonstrou também, naquele texto, que a lei fundamental é a lei da interdição do incesto. Interdição da mãe na medida em que ela ocupa o lugar de *das Ding*. Esse desejo de incesto não poderia ser satisfeito pois, seria o término de toda a demanda.

Outra maneira de desenvolver este mito, em relação ao objeto, é pensar que a devoração do pai primitivo resulta na identificação com ele. O que sobra dessa "refeição" seria o objeto inassimilável ou intragável, como se um osso restasse dessa operação. Aquele objeto que não é passível de identificação ou de assimilação na ordem simbólica é o objeto real.

No segundo texto, "*O mal-estar da civilização*" (Freud, 1930), está também em questão a relação do homem com o real. Isto porque a felicidade é o que se busca, mas jamais é alcançada pois para ela "não há absolutamente nada preparado, nem no macrocosmo nem no microcosmo" (Lacan, 1959-60, p.23). Esbarra-se aí com a impossibilidade de alcançá-la, produzindo

ó inevitável "mal-estar".

No "Projeto..." Freud afirma não ser possível nenhuma organização psíquica sem a "experiência de dor". Lacan faz uma relação entre a dor e o grito que se solta: sem este, só se teria do objeto desagradável uma noção muito confusa. Lacan postula que o objeto hostil só é sinalizado no nível da consciência, quando a dor consegue provocar um grito; este "cumpre assim uma função de descarga e desempenha um papel de uma ponte no nível do qual algo do que ocorre pode ser pego e identificado na consciência do sujeito" (Lacan, 1959/60, p.45). Freud apontou, então, um objeto desconhecido, do qual só se tem algum conhecimento por uma apropriação da experiência de dor pela linguagem, pelo grito.

Lacan ao referir-se, no Seminário 7, ao "exterior ao sujeito" recorda que, desde o "Projeto Para Uma Psicologia Científica", Freud (1895) coloca a relação do aparelho psíquico frente ao mundo exterior. Só que esse mundo exterior, que afeta o organismo, não pode ser comparado àquilo de que trata o behaviorismo, por exemplo. Para fazer essa diferenciação, Lacan recorre a *das Ding*: a exterioridade que está em questão é aquela causada por *das Ding*.

O que afeta o psiquismo vem de um objeto que é exterior a ele (está "entre o somático e o psíquico"), mas é interior ao homem. Esta é a experiência trágica humana onde o mais próximo é também o mais longínquo e estranho.

Um outro desenvolvimento que Lacan faz do "Projeto..." é a aproximação de "*Bahnung*" à articulação significativa. No "Projeto..." a noção de "*Bahnung*" é a de facilitação das barreiras de contato que diminui a resistência à passagem da energia. Pode ser entendida também como trilhamento que se constitui pela facilitação ou dificultação no percurso da

excitação. Para Lacan é nesta noção que se encontra a originalidade do "Projeto...".

O trilhamento não é um efeito do hábito como no behaviorismo que acredita na repetição do mesmo. O trilhamento, aqui entendido, é "invocado como prazer da facilidade, e será retomado como prazer da repetição" (Lacan, 1959-60, p.272). Só que uma repetição psicanalítica não é aquela que encontra o mesmo, mas sempre outra coisa.

O que importa, especificamente, é que esse trilhamento é aproximado da articulação significante. O trilhamento facilita a passagem de energia e a cadeia significante possibilita uma aproximação com "a coisa".

Esta compreensão do trilhamento, como cadeia significante, permitirá a Lacan todo um desenvolvimento que sabidamente marca sua obra. Afinal, é a ordem da linguagem com sua possibilidade de infindáveis sentidos que subverte o biológico, colocando o homem como não-natural. A satisfação plena é barrada pela palavra, já que obriga a pulsão a uma perpétua substituição de objeto. Obrigando-a ainda a nunca encontrar *das Ding* (a coisa) e sim objetos substituíveis(1).

Finalizando o recorte efetuado neste capítulo, cuja questão é a ciência e a psicanálise em relação ao objeto, buscou o estabelecimento de mais uma singularidade da psicanálise, não reduzindo esta ao discurso científico.

NOTA:

(1) Cabe mencionar que em alemão há duas palavras para designar a coisa: das Ding e die Sache. Esta segunda refere-se ao objeto acessível à ordem simbólica, governada pela linguagem. Já das Ding não é localizável em palavras. Está fora do significado, melhor ainda, é o estranho e exterior ao sujeito. Isto porque é aquilo que quer-se encontrar, mas nunca é encontrado. Resta então aluciná-lo. Neste sentido, na ação específica, cujo objetivo é reproduzir a experiência de satisfação para encontrar das Ding, o que é encontrado é inevitavelmente die sache.

CONCLUSÃO

É desejado por toda instituição de pesquisa, ainda hoje, o reconhecimento de um saber como sendo científico. Sabe-se que persiste o privilégio do que é científico, em detrimento do que não é científico, no mundo contemporâneo. Como se posiciona a psicanálise frente a esta questão? A problemática que moveu esta dissertação foi decorrente das questões impostas pela psicanálise à ciência e vice-versa.

Após o caminho percorrido pode-se dizer que num certo sentido a psicanálise perdeu seu caráter subversivo. Isto aconteceu não porque ela moldou-se às expectativas científicas tradicionais, mas porque a própria ciência mudou.

Para afirmar-se com tranquilidade esta subversão seria preciso ter como parâmetros de ciência moderna os modelos de Descartes, Newton e Galileu. Mas não parece ser esta a ciência de hoje, conforme demonstra Prigogine e outros autores contemporâneos.

A ciência passou por transformações que possibilitaram o estudo do "acaso", tendo grande valia noções como a de "estruturas dissipativas", o que fugia das postulações da ciência determinística. Assim, a psicanálise pode ser, agora, aproximada desta "nova ciência".

Sobre este ponto de vista, a ciência atual não é mais "fechada". Ela é aberta ao campo filosófico, por exemplo. A filosofia, segundo citação de Prigogine, tem o papel de preencher as "lacunas" do conhecimento científico. Esses

dois campos funcionam, hoje, como saberes complementares. As oposições e fronteiras entre saberes estão sendo desfeitas. A inteligência racional e a inteligência imaginativa estão profundamente imbricadas.

Esta dissertação continua, entretanto, a não reduzir psicanálise à ciência (mesmo que sob outros modelos). Isto porque pode-se seguir um caminho de argumentação diferente: priorizar a noção de discurso psicanalítico junto à experiência clínica.

É o que foi feito ao focar a noção de "trágico" enquanto aquilo de que não se tem "leis" nem "atrativos" pois, é pura surpresa. Já o campo científico, apesar de todas as transformações pelas quais passou e passa ainda, caracteriza-se pela busca das leis que regem um fenômeno.

Se um cientista depara-se com o inesperado, sentir-se-a desconfortável e tentará formular uma explicação. É como é entendida a procura científica contemporânea da ordem dos sistemas que está por trás da desordem. Por isso, há ainda uma possibilidade de afirmar a diferença da psicanálise frente ao discurso da ciência. Isto visto que o psicanalista não se sente desconfortável frente ao inesperado. Pelo contrário, este é seu material de trabalho.

Esta possibilidade, de ainda sustentar a insubordinação da psicanálise frente à ciência, passa tanto por conceber a ciência em termos de um discurso, como pela via do objeto. Objeto entendido como aquele do qual se sofre e se é causado, em detrimento de uma compreensão de objeto que se constrói e que é passível de conhecimento. Já foi feita referência a

isto quando falou-se da diferença entre *objetividade* e *objetalidade*. A *objetalidade* da psicanálise concebe o objeto como participativo no conhecimento, provocador de desejo, e não um objeto "neutro" característico da *objetividade*.

Outra diferença marcante decorre da postura da ciência atual. Ela pode recorrer à filosofia para preencher suas "lacunas", enquanto a psicanálise se propõe ser uma experiência de enfrentamento com os espaços "vazios do saber", sem recorrer a nenhum outro saber que encubra estas lacunas. Não há outro saber que possa encobrir seu vazio. Ela é a própria experiência de confronto com aquilo que não se pode entender.

Não se concebe a complementariedade dos saberes (ciência e filosofia; experiência empírica e ser; etc) pois, há para a psicanálise um sujeito irremediavelmente dividido, do desconhecimento e do vir a ser.

Enfim, a posição desta dissertação é de afirmar a singularidade da psicanálise, sublinhando questões importantes que ela aponta para o campo científico, sem negar as transformações extraordinárias pelas quais este passa hoje. Neste sentido, a psicanálise pode ser aproximada da ciência somente na medida em que é uma praxis teorizada, preocupada com argumentação e transmissão. Precisou então, de um certo rigor científico para se estabelecer. Mas a psicanálise não pode ser reduzida à ciência, por diversos motivos: ela além de referir-se ao singular, onde o analista comparece com seu desejo, não tem o ideal da ciência que é o de preencher suas lacunas.

BIBLIOGRAFIA:

Allouch, J. (1992). Note sur "raison et cause" en psychanalyse. *Revue L'une Bévée*. 1: 33-46.

Alquié, F. (1986). *A filosofia de Descartes*. Lisboa, Presença, 2^a ed..

Assoun, P.-L. (1978). Freud et Ernst Mach. *Revue Ornicar*. 14: 10-24.

——— (1981). *Introduction à l'epistemologie freudienne*. Paris, Payot.

Baas, B. & Zolosyc, A. (1988). *Descartes et les fundament de la psychanalyse*. Paris, Navarin Osiris.

Bachelard, G. (1975). *La formacion del espiritu científico: contribuicion a un psicoanalises del conocimiento objetivo*. Buenos Aires, Siglo XXI.

Barros, C. P. (1975). Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico. Vital-Brazil H. (org), *Psicanálise: Problemas Metodológicos*. Petrópolis, Vozes.

Descartes, R. (1962). *O Discurso do método*. São Paulo. Difusão Européia do Livro.

_____ (1962). *As meditações*. São Paulo. Difusão Européia do Livro.

Dubois, M & outros. (1987). *L'ordre Chaotique*. *Revue la Recherche*. 185: 190-201.

Elia, L. (1992). *Para além da sexualidade: a psicose na psicanálise*. Rio de Janeiro. Tese de doutorado PUC-Rio.

Foucault, M. (1966). Entrevista de Michel Foucault à *Quinzaine Littéraire*. Coelho, E. P. (org), *Estruturalismo: ontologia de textos teóricos*. Lisboa, Portugália Editora, 1968.

Freud, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. *Edição Standard*, 3.

_____ (1893-1895). Estudos sobre histeria. *Edição Standard*, 3.

_____ (1895). Projeto para uma psicologia científica. *Edição Standard*, 2.

_____ (1900). Interpretação dos sonhos. *Edição Standard*, 4-5.

_____ (1901). Psicopatologia da vida cotidiana. *Edição Standard*, 6.

———— (1909). As 5 lições sobre psicanálise"
Edição Standard, 9.

———— (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua
infância. *Edição Standard, 11.*

(1913). Totem e tabú. *Edição Standard, 13.*

———— (1915). Instinto e Suas Vicissitudes.
Edição Standard, 14.

———— (1916). Conferências introdutórias sobre
psicanálise *Edição Standard, 15.*

———— (1919). O estranho. *Edição Standard, 17.*

———— (1920). Além do princípio do prazer".
Edição Standard, 17.

———— (1925). Um estudo autobiográfico.
Edição Standard, 20.

———— (1930). O Mal-estar da civilização.
Edição Standard, 21.

———— (1937). Análise terminável e interminável.
Edição Standard, 23.

Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

_____ (1990). *O Mal radical em Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

_____ (1986). *Acaso e Repetição em Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

Gaufey, G. (1991). *L'incomplétude du symbolique (De René Descartes à J. Lacan)*. Paris, E.P.E.L..

Gondar, J. (1993). *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado PUC-Rio.

Haken, H. & Wunderlin, A. (1990). Le chaos déterministe. *Revue a Recherche*. 225: 1248-1255.

Heisenberg, W. (1987). *Física e filosofia*. Brasília, Ed. UNB.

Hippolite, J. (1978). Comentário hablado sobre *la Verneinung* de Freud. Lacan J. (org), *Escritos 2*. México, Siglo XXI.

Jones, E. (1970). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

Koyré, A. (1962). *Entretien sur Descartes*. Paris, Gallimard.

_____ (1986). *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2ª ed..

_____ (1991). *Estudo de História do pensamento científico*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2ª ed..

Kuhn, T. (1978). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.

Lacan, J. (1949). *Le stage du miroir. Écrits*. Paris, Ed. du Seuil, 1966.

— (1953-54). *Seminário 1 – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1979.

— (1953). *Função e campo da fala e da linguagem no inconsciente freudiano* *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

— (1954-55). *Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1985.

— (1956). *O Seminário sobre a carta roubada*. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978

—— (1956-57). *Seminário 4 - A relação de objeto e as estruturas freudianas*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1992

—— (1957). *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

—— (1959-60). *Seminário 7 - A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

—— (1960a). *Posição do inconsciente*. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

—— (1960b). *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

—— (1962-63). *Seminário 10 - L'angoisse*. Paris, mimeo.

—— (1964). *Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1979.

—— (1966). *Science et vérité*. *Ecrits*. Paris, Ed. du Seuil.

—— (1969-70). *Seminário 17 - O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1992.

—— (1974a). *La tercera. Actas de la escuela freudiana de Paris*. Espanha, Ediciones Petrel, 1980.

—— (1974b). Conferência de Prensa. *Actas de la Escuela Freudiana de Paris*. Espanha, Ediciones Petrel, 1980.

—— (1975). *Seminário 20 - Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1982.

Miller, J. A. (1988). *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

—— (1988). *Struc'dure. Matemas II*. Buenos Aires, Manantial.

Milner, J. C. (1991). *Lacan et la science moderne. Lacan avec les philosophes*. Paris. Albin Michel.

—— (1966). *O que é psicologia*. Coelho, E. P. (org), *Estruturalismo: ontologia de textos teóricos*. Lisboa, Portugália Editora, 1968.

Ogilvie, B. (1991). *Lacan e a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

Ortega y Gasset, J. (1989). *Em torno de Galileu: esquema das crises*. Petrópolis, Vozes.

Porge, Erik (1993). La division du sujet et le retour de la vérité. *Revue Littoral*, 36: 9-27.

Prigogine, I (1992). *Entre le temps et l'éternité*. Paris, Flammarion.

_____ & Stengers, I. (1991). *A nova aliança*. Brasília, Ed. UNB.

_____ (1990). *O nascimento do tempo*. Lisboa, Ed. 70.

Rosset, C. (1989). *Lógica do pior*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo.

Sá, A (1989). *Psicanálise e energia psíquica. Fundamentos da termodinâmica no discurso psicanalítico*. Rio de Janeiro, mimeo.

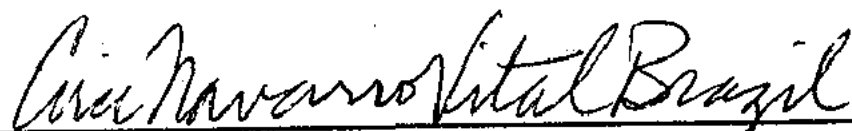
Saussure, F. (1961). *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix.

Stenger, I. (1988). *Boites Noires Scientifiques. Boite Noires professionnelles. Confluents Psychanalytiques*. Paris, Ed. Les Belles Lettres, 1989

_____ (1990). *Quem tem medo da ciência?* São Paulo, Siciliano.

_____ (1990). *Quem tem medo da ciência*. São Paulo, Siciliano.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Regina Maciel, intitulada "Psicanálise e a Questão Epistemológica", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Circe Vital-Brazil

Orientadora

Dep. de Psicologia - PUC/RJ



Claudia Garcia

Dep. de Psicologia - PUC/RJ



Francisco Ramos de Farias

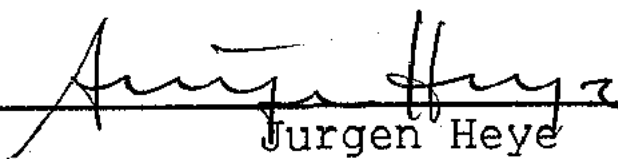
Dep. de Psicologia - UERJ/RJ



Paulo Vidal

Dep. de Psicologia - UFF/RJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 27 de abril de 1994



Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas